



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
CAMPUS IV JACOBINA / COLEGIADO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

LUCINDA CARNEIRO NEVES
SOLANGE DAS VIRGENS DE MATOS

**DINÂMICA E EVOLUÇÃO DO ESPAÇO URBANO NA CIDADE DE
JACOBINA-BA: ANÁLISE DO BAIRRO DA ESTAÇÃO E DA AVENIDA
RAIMUNDO XAVIER MENEZES**

JACOBINA-BA
2018

LUCINDA CARNEIRO NEVES
SOLANGE DAS VIRGENS DE MATOS

**DINÂMICA E EVOLUÇÃO DO ESPAÇO URBANO NA CIDADE DE
JACOBINA-BA: ANÁLISE DO BAIRRO DA ESTAÇÃO E DA AVENIDA
RAIMUNDO XAVIER MENEZES**

Monografia apresentada como parte das exigências para obtenção do título de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia, pela Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas Campus IV. Colegiado de Geografia.

Orientador: Me. Edvaldo Hilário dos Santos

JACOBINA- BA

2018

LUCINDA CARNEIRO NEVES
SOLANGE DAS VIRGENS DE MATOS

**DINÂMICA E EVOLUÇÃO DO ESPAÇO URBANO NA CIDADE DE
JACOBINA-BA: ANÁLISE DO BAIRRO DA ESTAÇÃO E DA AVENIDA
RAIMUNDO XAVIER MENEZES**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia. Pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB. Departamento de Ciências Humanas Campus IV.

Aprovado em Jacobina- BA, _____ de dezembro de 2018.

Banca Examinadora

Profº. Me. Edvaldo Hilário dos Santos

Orientador

Profª. Ma. Joseane Gomes de Araújo- UNEB

Profª. Ma. Jorima Valoiz dos Santos- UNEB

DEDICATÓRIA

Aos meus amigos Jobison Reis, Vanderleia Carneiro, Solange Matos, Reinaldo Júnior, Nelcimária Moraes, por estarem sempre me acompanhando em minha trajetória acadêmica. À professora Liliane Goés e o professor Edvaldo Hilário, por estarem me encaminhando nesses momentos de produção acadêmica. Mas principalmente à minha família que têm compreendido e se esforçado para que eu cumprisse cada etapa até alcançar essa realização pessoal e profissional. Dedico, especialmente a minha tia Maria de Lourdes (*in memoriam*) e meu amigo Marcos Yuri (*in memoriam*) que perderam suas vidas na batalha contra o câncer.

Lucinda Carneiro Neves

A todos que contribuíram durante meu processo de aprendizagem, o qual me fez chegar até aqui. Aos amigos, familiares e a todos os professores do curso que foram fundamentais para minha formação acadêmica e o desenvolvimento dessa monografia.

Solange das Virgens de Matos

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, saúde e coragem para concretizar mais uma etapa de minha jornada acadêmica.

A minha família que muitas vezes tiveram que compreender minha ausência em momentos singulares.

A Universidade do Estado da Bahia por conceder-nos oportunidade de cursar essa licenciatura.

Aos professores Fábio Nunes, Paulo Fernandes, Edvaldo Hilário, Liliane Goés, Miriam Geonisse, Carlos Lima, João Rufino, Gislene Mota, Joseane Gomes, e aos demais que dedicaram ensinamentos acadêmicos com muito carinho, atenção e pelo apoio sempre que necessário.

Aos meus colegas de curso que dividiram comigo muitas angústias, em especial meus companheiros de casa Jobison e Vanderleia.

Aos funcionários da Universidade do Estado da Bahia do Departamento de Ciências Humanas Campus IV – Jacobina, pelo apoio e dedicação em auxiliar em nossas dúvidas.

Lucinda Carneiro Neves

Agradeço a Deus por ter me concedido a oportunidade para realização dessa licenciatura, e ter me ajudado durante essa jornada acadêmica para que assim eu chegasse até aqui na finalização do curso com essa monografia.

A minha família e aos amigos Lucinda Neves, Vanderleia Carneiro Jobison Reis e a Nelcimária Moraes que estiveram comigo durante todo esse tempo de graduação.

A todos os professores do curso de Licenciatura Plena em Geografia, e a Universidade do Estado da Bahia -UNEB campus IV.

Até aqui nos ajudou o Senhor

A Bíblia (1º SAMUEL, 7:12)

Solange das Virgens de Matos

“O longo processo de organização e reorganização da sociedade deu-se concomitantemente à transformação da natureza primitiva em campos, cidades, estradas de ferro, minas, voçorocas, parques nacionais, shopping centers etc. [...] Organizadas espacialmente, constituem o espaço do homem, a organização espacial da sociedade geográfico.” (CORRÊA, 1987)

RESUMO

O conceito de espaço geográfico aqui discutido, utilizando como base referencial teórico a forma e a função com a finalidade da caracterização da cidade de Jacobina para conhecer os objetos a serem analisados. Este trabalho objetivou analisar, através de fotografia antigas e atuais, as principais modificações ocorridas no espaço geográfico, num recorte temporal de 1960 a 2018, tendo como lócus da pesquisa a Praça da Feira Livre e suas imediações, e a Avenida Raimundo Xavier Menezes na cidade de Jacobina-BA. Trata-se de uma pesquisa do tipo bibliográfica e documental, a qual utilizou como fontes de pesquisa jornais locais, documentos oficiais pertencentes ao acervo Arquivo Público Municipal e do NECC/UNEB, arquivos particulares e pessoais, como fotografias, sendo estes de suma importância para a investigação. Percebeu-se nas imagens analisadas, forte potencial fotográfico dos moradores, o que possibilitou enxergar, além de uma simples reforma, a modificação expressa do espaço geográfico de Jacobina, assim possibilitando também compreender os resultados decorrentes das modificações do espaço, sobretudo, na área que atualmente corresponde à ACIJA, UNEB, ao Ginásio de Esportes, à Praça da Feira Livre de Jacobina, e a abertura da atual Avenida Raimundo Xavier Menezes, que facilitou o acesso da população aos bairros Caeira e Nazaré nesta cidade, e promoveu o estabelecimento de diversos estabelecimentos comerciais estratégicos. Contudo, este trabalho tem relevância social por se constituir num material de conhecimento da história da cidade e num material didático para exemplificação de estudo sobre o espaço geográfico.

Palavras chave: Cidade. Dinâmica Espacial. Reorganização.

ABSTRACT

We propose a review of the concept “geographical area” based upon the notion of form and function in order to typify the town of Jacobina thus identifying the analysis objects. This research aimed at analysing, through pictures, the main changes on the geographical area, between 1960 and 2018. The *locus* of this analysis was the *Praça da Feira Livre* and its vicinities as well as the *Avenida Raimundo Xavier Menezes*, both in *Jacobina* in the state of *Bahia*. This research lays on the bibliographic and documentary methods and its sources are local newspapers, official documents of the Towns Public Archives and NECC/UNEB, as well as private and particular archives, such as pictures – which are of major relevance to this enquiry. The analysis of the pictures highlights the photographic potential of the residents and enables us to observe, beyond an ordinary renovation, the express modification of *Jacobina's* geographic area, as well as the implications of such modifications, specially on the areas that now correspond to *ACIJA*, *UNEB*, *Ginásio de Esportes* and *Praça da Feira Livre* and the construction of *the Avenida Xavier Menezes*, which made the access of the population to and from *Caeira* and *Nazaré* easier and promoted the creation or installation of strategic commercial establishments. Therefore, the social relevance of this research comes from the fact that it is a material of historic knowledge of *Jacobina*, as well as a didactic material to exemplify a study on “geographic area”.

Key-words: Town. Special Dynamics. Reorganization

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa do Município de Jacobina –BA.....	29
Figura 2- Estação Ferroviária de Jacobina-BA.....	42
Figura 3- Estação Ferroviária de Jacobina-BA em dia de maior fluxo.....	43
Figura 4- Linha Ferroviária de Jacobina-BA.....	44
Figura 5- Estádio Jose Rocha em dia de Feira.....	44
Figura 6- Calçamento e Pavimentação recém inauguradas.....	46
Figura 7- Área da atual Praça da Bíblia e os atuais comércios.....	46
Figura 8- Construção do Mercado do Produtor.....	47
Figura 9- BR 324.....	48
Figura 10- Feira Livre e Mercado do Produtor.....	50
Figura 11- Feira Livre e suas Imediações.....	50
Figura 12- BR 324 e Praça da Feira.....	51
Figura 13- Praça da Feira Livre e Cesta do Povo.....	52
Figura 14- Cobertura da Praça da Feira.....	53
Figura 15- Praça da Feira e Rua Reinaldo Jacobina Vieira.....	53
Figura 16- Avenida Caminho das Árvores.....	55
Figura 17- Ginásio Municipal de Esportes Paulo Santos Gomes.....	56
Figura 18- Faculdade de Formação de Professores.....	57
Figura 19- Universidade do Estado da Bahia- UNEB.....	57
Figura 20- Entrada da UNEB.....	58
Figura 21- Associação Comercial e Industrial de Jacobina- ACIJA.....	59

Figura 22- Avenida Raimundo Xavier Menezes.....	61
Figura 23- Fiesta Park Hotel em Construção.....	62
Figura 24- Ponte que dá acesso dos bairros da Caeira e Nazaré.....	62
Figura 25- Aterramento de um terreno baldio as margens do rio da Catuaba.....	63
Figura 26- Avenida Presidente Castelo Branco, bairro da Caeira.....	64
Figura 27- Comércio na Avenida Raimundo Xavier de Menezes.....	65
Figura 28- Presença de comércio de variadas espécies nessa área.....	65
Figura 29- Ruas paralelas à Avenida Raimundo Xavier.....	66
Figura 30- Rodovia 324 e entrada da Avenida Raimundo Xavier de Menezes.....	67

LISTA DE SIGLAS

ACIJA.....	Associação Comercial e Industrial de Jacobina
APP.....	Área de Preservação Permanente
FFPJ.....	Faculdade de Formação de Professores de Jacobina
IBGE.....	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NECC.....	Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade
PDDU.....	Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Jacobina
RFFSA.....	Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima
SEL.....	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SUVALE.....	Superintendência do Vale do São Francisco
UNEB.....	Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE ESPAÇO E SUA APLICAÇÃO NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS	15
2.1 Influências Sociais nas transformações na Cidade	19
2.2 A complexidade do Espaço Urbano.....	21
3. CARACTERIZAÇÃO DA CIDADE DE JACOBINA-BA COM ENFASE NA PRAÇA FEIRA LIVRE E A AVENIDA RAIMUNDO XAVIER DE MENEZES	28
3.1 Breve Histórico da Cidade de Jacobina-BA	28
3.2 As mudanças no contexto da Praça da Atua Feira Livre de Jacobina.....	35
3.3 O processo na construção da Avenida Raimundo Xavier Menezes.....	37
4. ANÁLISE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS	39
4.1 Metodologia.....	39
4.2 Transformações urbanas: fim da Estação e origem da Praça da Feira Livre	41
4.3 A dinâmica da Avenida Raimundo Xavier Menezes e sua repercussão na cidade	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS.....	71

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa propõe-se a compreender algumas etapas da (re) organização do espaço urbano na cidade de Jacobina-BA e por entender a necessidade constante de alterações, pretende-se mostrar o espaço enquanto material construído pela sociedade, como são tratados pelos geógrafos e demais profissionais de áreas de estudo, tais como arquitetura, urbanismos, engenharia, sociologia, legislação, entre outros.

O tema da pesquisa nasceu de inquietações sobre as mudanças ocorridas no espaço geográfico da cidade de Jacobina, para tanto, fez-se um recorte temporal e espacial. Destacando-se dois lugares, sendo estes os que “mais” sofreram modificações e atribuíram novos significados aos locais e a cidade em questão.

O objetivo deste trabalho é analisar, a construção do espaço geográfico e principalmente as transformações da Praça da Feira Livre e da Avenida Raimundo Xavier Menezes, na cidade de Jacobina-BA no espaço temporal entre 1960 e 2018. Nessa perspectiva foram traçados os seguintes objetivos específicos: investigar as necessidades que levaram a reorganização da Praça da Feira Livre na década de 60 e 70; analisar a abertura e subsequente ocupação às margens da Avenida Raimundo Xavier Menezes por comércios de diferentes especificidades; e apontar como tais modificações foram e ainda são necessárias para a constante transformação do espaço urbano de Jacobina, tendo como foco esses dois locais da cidade.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi utilizado o método qualitativo, por relacionar ao tema central dessa pesquisa, pois, trata-se de uma investigação social. Deste modo foi usado como principal forma metodológica análise documental de documentos escritos e não escritos. Nas seguintes etapas para a elaboração e organização dessa pesquisa obtém-se os resultados organizados em relatório contidos em três capítulos.

O primeiro capítulo está estruturado com bases na definição dos conceitos chaves do presente trabalho, como, espaço e paisagem, sendo estes imprescindíveis para a compreensão da análise dos dados.

Entre os quatro elementos utilizados por Milton Santos (1988) para descrever o conceito de espaço; *forma, função, estrutura e conteúdo*, cabe salientar que este trabalho utilizará como principais elementos, apenas a forma e a função, por compreender que estes são essenciais para o entendimento e descrição das imagens selecionadas para análise dos

lugares/objetos de pesquisa. Em relação ao conceito de paisagem, foi realizado através de embasamento teórico uma simples e didática diferenciação do conceito de espaço, para uma melhor compreensão da visão geral do trabalho.

O segundo capítulo apresenta a caracterização e breve histórico da Cidade de Jacobina-BA, inclusive sua evolução de vila a cidade polo regional, seus primeiros bairros, suas etapas de desenvolvimento econômico no passado, sua importância nacional e os motivos das alterações, mas hoje, a economia do município tem vertentes variadas.

A extração aurífera se manteve, porém, de forma empresarial/ comercial privada, e não mais como outrora em que pedras preciosas eram extraídas por garimpeiros de maneira manual. Indústrias de médio porte, a sede do município através de órgãos municipais e estaduais oferecem empregos em setores públicos e o comércio local ainda ganha destaque por sua variedade em produtos alimentícios, calçados, vestiários, lotéricas, bancos, bancas, bares, restaurantes, e a presença diária dos ambulantes e camelôs e toda essa dinâmica pode-se constatar. Este capítulo ainda apresenta dois locais *locus* da pesquisa, a qual sejam: a Praça da Feira Livre e proximidades, e Avenida Raimundo Xavier Menezes.

O terceiro e último capítulo mostra os resultados da análise das fotografias e faz uma relação das primeiras ocupações e as atuais, contextualizando-as com os princípios geográficos de evolução da sociedade. Essa observação imagética proporciona aos leitores conhecerem o passado da sociedade jacobinense, a chegada da modernidade e seus impactos

As mudanças significativas ocorrem a partir do progresso na cidade, iniciado com a instalação de linha férrea e declinado com a desativação ferroviária. Logo, este fator tornou a cidade menos atraente, passando a ser considerada como não moderna. Entretanto, com a chegada das construções a cidade se torna moderna, pois alguns modelos eram trazidos de outros países, principalmente da Europa.

Apesar da análise da dinâmica urbana não ser tema inédito, pois há muitas pesquisas sobre o tema, acredita-se que essa pesquisa poderá apresentar contribuições sociais, por fornecer um histórico da cidade de Jacobina, correlacionando com a dinâmica atual e a compreensão dessa transição, ainda sendo parte de uma contribuição acadêmica para futuras pesquisas na área.

2. UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE ESPAÇO E SUA APLICAÇÃO NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS

O conceito de espaço geográfico é crucial para o entendimento de como se dá às etapas de construção, organização, reorganização e transformação dos territórios que compõe o meio social. Toda construção desse espaço dispõe de instrumentos para a materialização e objetivação dessas muitas etapas. Um conjunto de peças unidas com funções diferentes com o mesmo propósito, construir o espaço geográfico. Os grupos, classes ou qualquer outra nomenclatura utilizada na linha de raciocínio, necessitam de recursos materiais e imateriais, ou ainda de objetos para se efetivar. Sobre esse aspecto Santos (1988), traz o conceito de espaço como conjunto de relações, assim, compreende-se que cada objeto contribui para a realização e utilização do espaço pela sociedade, torna-se imprescindível, pois, apesar de não ser estático, o espaço necessita de diversos elementos para estar sempre em movimento. Essas relações e seus instrumentos de realização, no caso os objetos, complementam as várias esferas sociais.

O espaço seria o conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais. (SANTOS, 1988 p. 71)

Corroborando com essa ideia do autor, o espaço é um emaranhado de relações sociais juntamente aos objetos necessários para desenvolver tais relações. Apesar de se tratar de um conceito extremamente amplo, é possível compreendê-lo fazendo algumas conexões. Dentre os autores que desenvolveram pesquisas nessa linha de raciocínio, utilizou-se Milton Santos como sendo o principal mentor dessa pesquisa, por abordar a temática de forma abrangente e obter domínio e muitas matérias sobre essas muitas formas de transformações no espaço geográfico. Neste sentido, a citação a seguir mostra, dentre os elementos explicativos do conceito de espaço, alguns fundamentais para a presente pesquisa e o objeto de análise, principalmente uma categoria, a forma:

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual

frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel na realização social. (SANTOS, 1988, p. 26-27)

Esse conjunto indissociável é, antes de tudo, moldado para suprir necessidades sociais constantes, pois, é perceptível como os grupos e membros da sociedade adaptam as formas e funções a cada momento, sejam objetos naturais ou sociais. Quando o autor diz que: “[...] cada forma encerra uma fração do conteúdo”, compreende-se que determinados conteúdos da sociedade têm fim para iniciar-se outro. Santos usou o termo ‘encerrar uma fração’ para exemplificar que cada objeto geográfico, seja ele natural e/ou artificial tem um conteúdo específico dentro do espaço. Dentro dessa lógica é possível aprofundar a reflexão quando se pensa diversas relações, objetos, conteúdos, tudo funcionando ao mesmo tempo dando vida ao espaço geográfico.

Os termos utilizados variam entre os autores e a maneira de se expressar, porém, existe uma forte união entre as falas. Nas exemplificações de diversos materiais, (ARAÚJO, 2011) usa as palavras formas-conteúdo e formas-objetos e explica com bastante clareza o quão importante são as formas e as funções para a sociedade:

As formas-conteúdo são as formas-objeto mais a sociedade. Dizemos assim porque entendemos que a sociedade realiza o processo social através de eventos (ações) e momentos. Para que ambos, eventos e momentos se realizem, eles precisam ser “encaixados” em formas-objeto e, quando isso acontece, dizemos que a forma cumpre uma função. Então, espaço geográfico é isso, movimento constante da sociedade definindo e redefinindo formas-conteúdo. (ARAÚJO, 2011, p. 22)

As formas são a exteriorização dos sentimentos, de ações, a expressão e a necessidade das classes em mostrar-se, a exposição das diferenças, a demonstração da cultura de um povo. Desse modo, a função é a ação, ou seja, o que funciona naquela forma, ou ainda nas palavras de Milton Santos “fração do conteúdo”. Um exemplo social seria uma escola, que tem sua forma-objeto e tem sua forma-conteúdo. Porém os funcionários e alunos (que neste local exercem atividade diferentes), desta escola não somente frequentam esse local, mas por serem indivíduos sociais, necessitam de outros locais (formas-conteúdo e formas-objeto) que atendam suas necessidades, sejam elas alimentícias, religiosas, de consumo pessoal ou coletivo, dentre outras. Para atender as necessidades as formas e as funções precisam caminhar juntas.

Essas muitas maneiras de nomear e/ou classificar as formas sociais são visíveis no espaço geográfico, através da paisagem, conceito geográfico que ajuda a compor e explicar as diversas etapas da constante modificação do meio social. Importante ainda considerar as ponderações de Araújo (2011), ao apontar uma breve confusão que existe entre os conceitos de paisagem e espaço. Em relação a isso, o autor destaca a diferença entre ambos os conceitos:

Quando observamos uma paisagem e a descrevemos, nós estamos, na realidade, apenas apreendendo as formas ou objetos materiais que formam a configuração espacial. Neste sentido a paisagem é o aspecto visível de um acúmulo de formas produzidas, do passado até o presente, mas se estudamos as formas e suas funções determinadas pela estrutura social, no tempo presente, então não estamos mais tratando de paisagem, mas sim de espaço. (ARAÚJO, 2011, p. 22)

Logo a seguir Araújo faz uma explicação de forma clara e didática. O autor questiona o que é estudado, uma vez que, se for somente o visível, ou seja as formas, estaremos estudando a paisagem, mas se estudarmos as formas e também as funções, logo, estaremos estudando o espaço. A modificação da paisagem cabe às necessidades de cada processo produtivo e a utilização de uma variedade de instrumentos se faz indispensável para a efetivação desses processos.

A relação entre paisagem e produção está em que cada forma produtiva necessita de um tipo de instrumento de trabalho. Se os instrumentos de trabalho estão ligados ao processo direto da produção, isto é, à produção propriamente dita, também o estão à circulação, distribuição e consumo. A paisagem se organiza segundo os níveis destes, na medida em que as exigências de espaço variam em função dos processos próprios a cada produção e ao nível de capital, tecnologia e organização correspondentes. (SANTOS, 1988, p. 66)

No espaço nada é estável, por isso os pesquisadores dessa contínua modificação, relacionam muitos aspectos interligados, como citado acima à circulação, distribuição e consumo, logo nada acontece por acaso neste mundo de frequente alterações. Esses elementos elencados por Santos estão à disposição do capital, assim quanto mais intenso a circulação, distribuição e o consumo, será maior a necessidade de se reinventar a cada ciclo, e inserir a tecnologia cada dia com mais intensidade, conforme afirma o autor, para assim atender aos “diversos tipos de produção”, (1988, p. 66).

A paisagem e o espaço, coexistem nos momentos e ao mesmo tempo são dialéticos por estarem em constante modificação, porém, seguem lógicas diferentes. A paisagem tem o poder de marcar distintas temporalidades de um mesmo espaço. Cada espaço tem suas especificidades, assim, modificam a paisagem por alguns instantes como é o exemplo do fluxo de uma praça em um período diurno e o mesmo território no período noturno. Assim, apesar de alteração dos fluxos os fixos da paisagem não são modificados definitivamente, mas, por horas ou dias.

Os fixos são os próprios instrumentos de trabalho e as forças produtivas em geral, incluindo a massa dos homens. Não é por outra razão que os diversos lugares, criados para exercitar o trabalho, não são idênticos e o rendimento por eles obtido está em relação com a adequação dos objetos ao processo imediato de trabalho. Os fluxos são o movimento, a circulação e assim eles nos dão, também, a explicação dos fenômenos da distribuição e do consumo. Desse modo, as categorias clássicas, isto é, a produção propriamente dita, a circulação, a distribuição e os consumo, podem ser estudados através desses dois elementos: fixos e fluxos. (SANTOS, 1988, p. 77)

A relação entre fixos e fluxo para a análise do espaço geográfico, torna-se fundamental, pois, é possível perceber a função dos fixos e dos fluxos separados para posteriormente fazer uma observação geral, englobando os dois para perceber que eles se completam, ou seja, um precisa do outro para existir. Por exemplo, poderia se pensar na ideia da instalação de uma indústria que necessita de um ponto em um local que seja estratégico (um fixo), para atender e facilitar o manuseio de chegada e saída de mercadorias e que tivesse um acesso para os clientes (fluxos), desta forma estará influenciando a realidade ao redor desta indústria.

Os fixos e fluxos, formas e funções, modificação de paisagem, fazem parte das constantes etapas do movimento social do espaço, por isso é importante mencionar essas influências que serão fundamentais durante o processo.

2.1 Influências Sociais nas transformações na Cidade

As influências percebidas nas formas e nas funções da sociedade são diversificadas, o movimento e a dinâmica do espaço têm fortes influências de grupos sociais que estão contribuindo de maneiras ideológicas, econômicas, religiosas e culturais.

Desta maneira as modificações encontradas serão inúmeras, devido as intervenções sofridas por esses influenciadores, causando desgaste das formas influenciando mudança de grupos e comportamentos. Os locais passam a serem utilizados com a mesma função, porém por um público diferente. A citação de Santos (1988) a seguir, traz uma reflexão que requer uma ótica comparativa, pois, as construções objetivadas no intuito de moradias, podem mudar sua função posteriormente. A forma física de uma casa/ mansão pode ser adaptado a outras funções, principalmente para clínicas, escritórios, restaurantes, lanchonetes e bares, com pouca ou nenhuma modificação na sua forma física. Mas, nesta ocasião, é visto o oposto, onde uma mesma estrutura física é mantida, modificando os integrantes e classes sociais, mas, continua com a mesma função residencial.

Às vezes, o envelhecimento das formas permite que haja uma mudança brutal de seu uso – grandes casas viram cortiços, mudam de moradias ricas para pobres. O envelhecimento físico das formas é previsível pela durabilidade dos materiais, o envelhecimento moral não é tão previsível, muda de acordo com o quadro político, econômico, social e cultural. (SANTOS, 1988, p. 70)

Essa consideração de Santos, tem grande relevância pois, reafirma o poder que as quatro esferas: político, econômico, social e cultural, têm no espaço. Mencionado diversas vezes, por Santos (1988), não há dúvidas de que esses elementos são fundamentais para a construção, modificação e/ou alteração da dinâmica de uma sociedade, seus símbolos, referências e identidade. Cada parte, grupo, classe composto pela sociedade influencia, de maneira direta ou indireta, para a lógica social de um determinado espaço. Assim ainda, tem o poder de unir bom exemplo sobre forma e função e não permite pensar que todas as construções e estruturas terão sempre e para “sempre” o poder de uma classe social. Essas diversas alterações podem ser observadas dentro das sociedades e esse é o principal apreço pela pesquisa sobre o espaço, pois, não será estático.

Uma característica que merece destaque quando se fala em influência e modificações, é o capital que, embutido a outras redes, ocasionou na sociedade um lugar globalizado para

atender suas convenientes necessidades de expansão. Essa inevitável situação adequa-se em temporalidades diferentes em cada realidade. Assim ocasiona uma “unificação” ou ainda um *status* para as cidades, porém, isso não significa que todos os lugares seguiram um mesmo padrão ou que estas serão iguais, muito pelo contrário isso diferencia cada uma, isso acontece por diversas razões, pois como já mencionado as quatro esferas, terão maiores incidências para essas equidistantes realidades.

Se o espaço se torna uno para atender às necessidades de uma produção globalizada, as regiões aparecem como as distintas versões da mundialização. Esta não garante a homogeneidade, mas, ao contrário, instiga diferenças, reforça-as e até mesmo depende delas. Quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos. (SANTOS, 1988, p. 46-47)

Nas próximas páginas do Livro: *Metamorfose do Espaço Habitado*, o autor reafirma a citação acima, de que os lugares não são “iguais”, pois, depende de muitas variáveis para se desenvolver. É interessante observar que além das esferas já referenciadas, existe ainda a aceitação social, causando assim uma semelhança entre os lugares, onde todos são diferentes.

Mas nenhum lugar pode acolher nem todas nem as mesmas variáveis, nem os mesmos elementos nem as mesmas combinações. Por isso, cada lugar é singular, e uma situação não é semelhante a qualquer outra. Cada lugar combina de maneira particular variáveis que podem, muitas vezes, ser comuns a vários lugares. (SANTOS, 1988, p. 58)

Ainda pensando sob uma lógica do capital como um dos maiores influenciadores das mudanças no meio social, em seu livro *Trajetórias Geográficas*, Corrêa (2001, p. 229), cita diferentes padrões de espacializações, em que essas metamorfoses são ditadas em favor do capital: “As novas especializações produtivas, tanto rurais como urbanas, resultantes de novos padrões locais relevantes para a acumulação capitalista, vão traduzir-se na recriação das diferenças espaciais”. Ambos os autores, comungam do mesmo pensamento em relação a singularidade da dinâmica espacial.

Quando observa-se a dinâmica comercial, industrial e residencial, assim como as influências das quatro esferas que existe em qualquer local onde haja sociedade, os fatores de localização, hidrografia, geomorfologia também podem ser observados numa lógica

mais complexa que influenciam o desenvolvimento de cada local, de acordo ao que oferece de amenidades, condições estruturais, disponibilidade de matérias primas a serem exploradas ou ainda que possibilite uma subsistência local. Percebe-se que como as questões naturais têm grande influência para o surgimento e crescimento das cidades, pois, eles servem como atrativos.

A cidade de Jacobina no centro norte da Bahia, que é o objeto de estudo dessa pesquisa, obtém características que corresponde alguns atrativos naturais e comerciais mencionados acima. Dentre muitos detalhes que aprofundaremos sobre o objeto de pesquisa, no próximo capítulo, destacamos a extração e comercialização aurífera, a qual colocou a cidade de Jacobina em destaque nacional, tornando-a conhecida, principalmente no apogeu da extração de minérios no período colonial, e hoje mantém-se como cidade pólo-regional servindo de referência para as cidades da microrregião, a exemplo de questões educacionais, saúde e aquisição de documentação obrigatória pessoal/civil.

2.2 A complexidade do Espaço Urbano

Espaço urbano, este termo nos remete a duas visões, uma de espaço, sendo este um conjunto de elementos presentes em movimento constante que dispõe de objetos físicos (palpáveis) e ações sociais, e a de urbano que lembra algo estrutural desenvolvido sobre natureza já existente, com o objetivo de facilitar, embelezar e higienizar um ambiente. Logo, espaço e urbano são desenvolvidos com os propósitos atender as necessidades de uma sociedade.

Para entender a relação entre cidade e urbana, Silva (2010), descreve a correlação que existe com urbano: “[...] o urbanismo — palavra que vem do *Latim urbs*, que significa “cidade”. O conceito de “urbanismo” é, portanto, estreitamente ligado à cidade e às necessidades conexas com o estabelecimento humano na cidade. Por isso, o urbanismo evolui com a cidade.” (SILVA, 2010, p. 19). As afirmações do autor revelam que cidade e urbanismo são sinônimos e que ambos evoluem em parceria.

O autor também fala da dificuldade em conceituar a cidade e ainda relata características das primeiras cidades que datam de 3.500 a.C., enfatizando a presença de elementos

naturais que se destacam, tais como arquitetura, engenharia para cada período em que foi datado.

Provavelmente, os exemplos de cidade mais utilizados (não tão antigos quanto as primeiras cidades), pelos americanos, por uma lógica de localização sejam as cidades: Incas, Astecas e Maias. Nestas cidades, além da parte física e estruturas de extrema relevância, poderíamos citar seus modos de vida. Suas formas de viver demonstram características de técnicas avançadas e suas ações sociais voltadas ao coletivo. Considera-se essas questões estruturais físicas e ações sociais por percebermos a todo momento a ligação que as sociedades sempre precisaram estabelecer entre si por necessidades de convivência de forma cooperada, o que remete ao conceito atual de espaço geográfico.

Dentre as muitas discussões e pontos de vista levantados por Silva (2010), alguns parâmetros ajudam o leitor a seguir os direcionamentos. Por entender o grande valor desse material e sua maneira explicativa, a presente pesquisa o utilizou para conceituar o termo urbanismo. Porém ele alerta para algo interessante, que é a generalização para áreas de aglomeração populacional:

Para chegar-se à sua formulação, cumpre lembrar que nem todo núcleo habitacional pode receber o título de “urbano”. Para que um centro habitacional seja conceituado como urbano toma-se necessário preencher, no mínimo, os seguintes requisitos: (1) densidade demográfica específica; (2) profissões urbanas como comércio e manufaturas, com suficiente diversificação; (3) economia urbana permanente, com relações especiais com o meio rural; (4) existência de camada urbana com produção, consumo e direitos próprios. 23 Não basta, pois, a existência de um aglomerado de casas para configurar-se um núcleo urbano. (SILVA, 2010, p. 24)

Observando as características e os requisitos utilizados é possível perceber que nas próximas palavras das colocações, Silva (2010, p. 24), separa: “desse ponto de vista, três concepções podem ser destacadas relativamente ao conceito de “cidade”: a) a concepção demográfica; b) a concepção econômica; c) a concepção de subsistemas.” Sobre essas três concepções o autor descreve, justificando tais características e neste caso, essas concepções seriam conjuntas para compreender a dinâmica da cidade. A primeira leva em consideração a população, no entanto, há controvérsias nessa caracterização, pois, não segue um padrão, sendo que cada local/ país considera uma quantidade diferente de pessoas para ser cidade. Na segunda o autor menciona o idealista Max Weber, para o qual a cidade era classificada do ponto de vista da concentração de comércios. A terceira

concepção, talvez seja a que mais chame a atenção por demonstrar e mencionar algumas formas de relação social, evidenciando a forte ligação com o conceito de espaço geográfico, pois de acordo com Silva “[...] como subsistema sociocultural (sic), ela atua como um lugar propício ao florescimento de instituições educacionais, religiosas e escolares; é o lugar em que se desenvolvem as relações sociais, os centros sociais e comunitários, culturais e recreativos.” (SILVA, 2010 p. 25). O autor ainda destaca dentre esses parâmetros o que se adequa e justifica de forma precisa a realidade em uma escala nacional.

Os conceitos demográfico e econômico não servem para definir as cidades brasileiras, que são conceitos jurídico-políticos, que se aproximam da concepção das cidades como conjuntos de sistemas. O centro urbano no Brasil só adquire a categoria de cidade quando seu território se transforma em Município. Cidade, no Brasil, é um núcleo urbano qualificado por um conjunto de sistemas político-administrativo, econômico não-agrícola, familiar e simbólico como sede do governo municipal, qualquer que seja sua população. A característica marcante da cidade no Brasil consiste no fato de ser um núcleo urbano, sede do governo municipal. (SILVA, 2010, p. 25-26)

Segundo Silva (2010), os requisitos utilizados pelas cidades brasileiras para conseguirem autonomia só são possíveis após a emancipação, ou seja, quando estas tornam-se municipalizadas, independentes de questões medidas como sua economia e população. Nesta perspectiva, as cidades servem, antes de mais nada, como um centro onde há uma concentração de atividades administrativas de cada município. Depois desse processo de emancipação, as cidades brasileiras terão suas atividades de economia e crescimento populacional com maior ênfase. Logo este será um espaço de maior visibilidade da urbanização.

Enfim, do ponto de vista urbanístico, um centro populacional assume característica de cidade quando possui dois elementos essenciais: (a) as unidades edilícias — ou seja, o conjunto de edificações em que os membros da coletividade moram ou desenvolvem suas atividades produtivas, comerciais, industriais ou intelectuais; (b) os equipamentos públicos - ou seja, os bens públicos e sociais criados para servir às unidades edilícias e destinados à satisfação das necessidades de que os habitantes não podem prover-se diretamente e por sua própria conta (estradas, ruas, praças, parques, jardins, canalização subterrânea, escolas, igrejas, hospitais, mercados, praças de esportes etc). (SILVA, 2010 p. 26)

Assim, por meio da junção de edificações e sistemas organizacionais, entende-se como poderes públicos e privados convivem no mesmo espaço dando sentido e, principalmente,

ajudando na circulação (desenvolvimento) da cidade por ser este um local de maior concentração de inúmeras atividades em diversos setores.

Conforme aponta Corrêa (1989, p. 12), o meio urbano é constituído através do planejamento e ação de inúmeros agentes sociais. Estes por sua vez que integram a sociedade de diversas maneiras e auxiliam de forma direto ou indireta nos múltiplos setores dessa construção, destacando-se entre eles: “proprietários fundiários, proprietários de indústrias, promotores imobiliários, grupos sociais excluídos e o Estado”. As muitas formas de ser e estar desses agentes sociais, necessitam de um lugar para existir, e o capital, como já mencionado, funciona como um grande influenciador dos diversos exercícios sociais.

O Espaço Urbano de uma grande cidade capitalista constitui se, em primeiro momento de sua apreensão, no conjunto de diferentes usos da terra justaposta entre si. Tais usos definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas indústrias, áreas residenciais distintas em termo de formas e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a *organização espacial* da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado. (CORREA, 1989, p. 6)

Ao ressaltar algumas atividades desenvolvidas nas áreas urbanas, o autor possibilita compreender a palavra apreensão como uma variedade de configurações iniciais que a cidade pode exercer, ocupar, organizar ou construir. Essa apreensão está associada ao uso do solo, que são articuladas entre si, ou não, necessariamente no primeiro momento. Estrategicamente nas cidades da contemporaneidade, todas as configurações fazem parte de um conjunto específico que delimitam áreas para habitar, construir estradas, casas, comércios ou edifícios. Esses elementos são características principalmente do urbano, e cujo processo entende-se como uma organização do espaço urbano planejado que se dá por meio do uso da terra, onde cada agente ou grupo se apropria de áreas do espaço para produzi-lo.

A atuação dos diferentes agentes citados por Corrêa (1989), também trará uma fragmentação no espaço urbano e que ao mesmo tempo funcionam de modo atreladas, pois, entende-se que nenhum desses agentes teria sentido em “funcionar” de maneira isolada dos demais. Isso exemplifica o termo fragmentação, pois estes também causaram

separação das classes e de grupos, porém, coexistem em um mesmo espaço urbano, conforme sinaliza Carlos (1994).

De acordo com Corrêa (1989), espaço urbano capitalista é uma junção dos aspectos “fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de luta” [...], onde todos esses elementos estão “delimitados” por um território denominado urbano, mas em alguns casos, nas áreas rurais também encontra-se construção, como é o caso de indústrias que, por questões de valores fundiários/expansão da indústria e por não se adequarem à alguns pontos realmente urbanos, recorrem a locais afastados dos centros urbanos.

O autor destaca essa procura por áreas menos valorizadas e traz ainda possíveis agravantes com a instalação de empresas próximas as periferias das cidades. Situações assim ocorrem, em sua maioria, nas cidades grandes, fazendo com que os centros sejam destinados as áreas residenciais da nobreza e ao comércio de “menor” porte, ou que demandem menos espaços para desenvolver suas atividades.

Nas grandes cidades onde a atividade fabril é expressiva, a ação espacial dos proprietários industriais leva à criação de amplas áreas fabris em setores distintos das áreas residenciais nobres onde mora a elite, porém próximas às áreas proletárias. Desse modo a ação deles modela a cidade, produzindo seu próprio espaço e interferindo decisivamente na localização de outros usos da terra. (CORRÊA, 1989, p. 15)

É importante salientar que além da referida disputa existe a seletividade por espaço em locais com valores acessíveis para usos/ocupação de amplas áreas de terras, e isso ocasiona inúmeras reorganizações das cidades, conforme citou Corrêa, mesmo que a cidade já seja considerada de grande porte, o que se faz pensar na constante (re) modelação desses lugares não anula as possibilidades de modificação em formas e funções. Isso é perceptível principalmente nas proximidades comerciais de maior fluxo de pedestres e de trânsito intenso, onde há o maior aumento diário de movimentação, ou seja, nos centros urbanos.

Ainda relacionando a ideia da expansão de fábricas e indústrias que procuram por terrenos maiores para expansão de produção, há em muitos casos uma força do Estado para facilitar esse tipo de transação, (CORRÊA, 1989, p. 14). Nessas ocasiões a procura por

áreas afastadas do centro das cidades desencadeia uma valorização nas áreas que foram recém instaladas as indústrias fabris, como citado por Corrêa (1989).

As características utilizadas por agentes de destaque no uso do solo, como proprietários fundiários, proprietários de indústrias, promotores imobiliários terão algumas precedências definidas de acordo aos interesses de usos de terras em locais que serão propícios ao tão citado capital e seus fortes aliados.

Os proprietários de terras bem localizadas valorizadas por amenidades físicas, como o mar, sol, sal, verde etc., agem pressionando o Estado visando à instalação da infra- estrutura urbana ou obtendo créditos bancários para eles próprios instalarem a infra- estrutura. Tais investimentos valorizam a terra que anteriormente fora esterilizada por um razoavelmente longo período de tempo. Campanhas publicitárias exaltando as qualidades da área são realizadas, ao mesmo tempo que o preço da terra sobe constantemente. (CORRÊA, 1989, p. 18)

Sob tal ponto de vista, Carlos (1994), faz um apanhado geral do que seria a cidade na atualidade, não muito distante dos pontos de vista dos demais autores aqui apresentados, que citaram que, assim como nas antigas civilizações as cidades, continuam a ter características físicas marcantes e elementos essenciais a vida humana.

Hoje a cidade é a expressão mais contundente do processo de produção da humanidade sob a égide das relações desencadeadas pela formação econômica e social capitalista. Na cidade, a separação homem-natureza, a atomização das relações e as desigualdades sociais se mostram de forma eloquente. Mas ao analisá-la, torna-se importante o resgate das emoções e sentimentos; a reabilitação dos sentidos humanos que nos faz pensar a cidade para além das formas. Isso nos faz analisar a cidade para além do homem premido por necessidades vitais (comer, beber, vestir, ter um teto para morar), esmagado por preocupações imediatas. A cidade é um modo de viver, pensar, mas também sentir. O modo de vida urbano produz ideias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer, e também uma cultura. (CARLOS, 1994, p. 25-26)

A autora argumenta que, a cidade é a expressão das muitas formas de viver do homem-natureza, homem-homem e suas relações sociais na qual estes estabelecem. Atrelada aos sentimentos, campo de luta através das desigualdades sociais entre as classes, a cidade é um objeto constantemente modificado e disponível ao espaço e suas múltiplas faces, ou como diria Corrêa (2011), “o espaço urbano é um verdadeiro mosaico”.

Contudo, faz-se necessário correlacionar as ideias de Silva (2008), Corrêa (1989 e 2011) e Carlos (1994), com a realidade a que esse trabalho se dispôs observar e analisar, a cidade de Jacobina-BA corresponde a realidade de municipalização brasileira, principalmente se observarmos as cidades ao seu redor, que se desmembraram desse território e formaram suas dinâmicas locais próprias. Neste caso, além de Jacobina servir como exemplo, ainda poder-se-ia pensar numa análise partindo de uma escala maior, porém, devido seus diversos elementos singulares, ressaltamos que aqui será delimitado apenas a descoberta dos minérios de Jacobina e sua evolução enquanto cidade.

3. CARACTERIZAÇÃO DA CIDADE DE JACOBINA-BA COM ENFASE NA PRAÇA FEIRA LIVRE E A AVENIDA RAIMUNDO XAVIER DE MENEZES

Ao longo de sua história, Jacobina passou por várias intervenções urbanas por meio de construções, reformas de praças públicas, calçamentos e aberturas de avenidas, realizadas pelos gestores municipais com a finalidade de promover o progresso e a civilização da cidade, atribuindo assim, um novo significado a esses pontos. Nesse capítulo apresenta-se o contexto histórico do espaço urbano da cidade de Jacobina e o processo de criação, desenvolvimento e transformação da Praça da Feira Livre e da Avenida Raimundo Xavier Menezes, lócus da pesquisa.

3.1 Breve Histórico da Cidade de Jacobina-BA

A cidade é um local onde ocorre com maior frequência as transformações sociais no espaço geográfico. Na historiografia do espaço urbano da cidade de Jacobina- BA, propõe-se descrever as modificações que ocorreram ao longo dos anos, formando a construção do espaço geográfico e configurando-o como urbano. Jacobina faz parte do parque nacional da Chapada Diamantina, fundada às margens do Rio Itapicuru Mirim e Rio do Ouro, sendo estes, por muitos anos palco da grande busca pelo ouro. A figura 1 a seguir mostra o mapa do município de Jacobina.

No processo de ocupação e povoamento do espaço urbano de Jacobina, destaca-se a dificuldade de penetrar no interior ao qual iniciou-se por meio de aberturas de caminhos e rotas alternativas em função das atividades de pecuária com a criação do gado, a formação de currais e a mineração, em função do ouro encontrado nestas terras. A busca por jazidas de metais e pedras preciosas ocasionou na exploração aurífera, iniciada através de expedições dos bandeirantes e dos portugueses que percorreram o interior da Bahia chegando ao território de Jacobina. Conforme relata os pesquisadores Neves e Miguel (2007) “ [...] os caminhos dos sertões foram efetivamente abertos a partir da necessidade do deslocamento de gado, de escravos, de ouro e outras mercadorias “ (p.77).

No Brasil muitas cidades foram erguidas às margens de rios, portanto, as águas de seus afluentes têm e/ou tiveram um papel fundamental para o crescimento e o desenvolvimento urbano desses lugares. O rio era visto como um sinônimo de desenvolvimento e crescimento da cidade, uma vez que, suas águas serviam para contribuir no seu abastecimento e na agricultura, podendo assim sanar dificuldades encontradas no início da povoação. Além disso, através de suas margens era possível prever por onde a cidade iria se desenvolver.

[...] A ocupação inicial se deu através de cabanas distribuídas desorganizadamente. A lógica é que estavam localizadas paralelas ao rio, em um trecho compreendido entre as praças da Matriz e o alto da Missão, com o objetivo de ligação entre os dois núcleos. Isso imprimiu uma forma linear ao quadro urbano inicial da cidade de Jacobina. (FONSECA, 1996, p. 114 apud REIS, 2017, p. 35,)

Esse processo de ocupação contribuiu para a formação da cidade de Jacobina e a descoberta do ouro, com a subsequente corrida em busca do metal precioso nessa região ocasionou um fluxo migratório que contribuiu na formação e ocupação do território.

Para complementar/compreender sobre essas primeiras distribuições espaciais, o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), Marvin Harris em seu estudo sobre Minas Velhas de Rio de Contas concluiu que a descoberta de ouro cooperou grandemente para o povoamento do interior do Brasil, possibilitando a criação de numerosas cidades a partir da mineração.

Com relação a povoação às margens do rio, o PDDU de Jacobina considera que o Rio do Ouro também teve uma ocupação inicial de destaque, com a construção de casas às suas margens. O Rio do Ouro é ladeado de casas de bom padrão, alcançadas por pequenas pontes, passarelas que saltam sobre o pequeno e estreito rio que vem das serras altas, trazendo em suas areias o ouro, generoso no passado, raro no presente. (PDDU, 1999, p.11).

Estas condicionantes foram fundamentais para impulsionar o desenvolvimento econômico, populacional e posteriormente a urbanização da cidade de Jacobina, que “[...] surgiu como a mais importante cidade da região centro-norte do Estado, criada por Carta Régia de 05.08.1720, foi uma das primeiras cidades a ser criada nos sertões baianos, possuía uma comarca de grande importância e que administrava outras localidades” (CARDOSO, 1993).

A descoberta das minas de ouro pelos bandeirantes paulistas determinou [...] a criação da que viria a ser a "capital do ouro" na Bahia, a Vila de Santo Antônio

da Jacobina. Havia interesse por parte do governo em criar vilas no sertão, de modo a oferecer garantias civis e políticas aos moradores que se ocupavam com a criação de gado e com a mineração. (SEI, 2001, p. 41)

Ainda sobre a importância do território de Jacobina que se estendeu devido a exploração aurífera, Lemos (1995) afirma que:

A Superfície do Município de Jacobina na sua primitiva linha divisória, compreendia quase a metade do Estado da Bahia: “todo o Rio de Contas, até fazer divisão com a Vila da Cachoeira, a Vila de Maragogipe, a Capitania de Ilhéus costa do mar e a Freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Arraial compreendendo os sertões que estão por povoar até fazer divisão com o Rio das Mortes por onde se reparte a capitania de Minas Gerais, compreendendo as ilhas que ficaram no meio do Rio (São Francisco), para esta parte na forma que se tem resolvido muitas vezes serem estas adjacentes da parte dessa capitania, correndo ao mesmo tempo pelo Rio abaixo, até fazer divisão com as terras de Sergipe Del’ Rei , até fazer outra divisão na Gameleira e daí saindo buscando o Rio Jacuípe ”. (LEMO, 1995, p.100).

Percebe-se que Jacobina obtinha nesse período uma configuração territorial ampla e com grande destaque, sendo uma das primeiras cidades do Brasil e por um grande período foi reconhecida por seu grande potencial econômico no Estado da Bahia. A liberação da exploração do ouro fez com que Jacobina desse seu primeiro passo para a expansão e ganhasse a denominação de Vila de Santo Antônio de Jacobina, “[...] é fundada, em 24 de junho de 1722, a vila de Jacobina”, Cardoso (1993, p.18).

As vilas desempenharam um papel importante para as primeiras civilizações que ocorreu naquele momento, algumas exerceram funções relevantes como “cidades fluviais”. Nesse contexto, “Jacobina, que reinava absoluta limitando-se ao norte com a capitania de Pernambuco e, ao sul, com a de Minas Gerais, sintetizava os movimentos de expansão e liderava quanto ao número de municípios criados neste século”. (SEI, 2001, p. 49). Diante desses relatos percebe-se que essa divisão destaca as capitanias, o que seria hoje divisão territorial estadual, formando uma configuração da Bahia no século XVIII.

Posteriormente, no final do século XVIII, houve um declínio no ciclo do ouro e a exportação aurífera estava cada vez mais rara, as minas entraram no processo de decadência em suas jazidas, fazendo com que a mão de obra atraída pela mineração passasse a se dedicar a agricultura.

Quando as minas se “esgotaram” ficaram as povoações interiorizadas, vivendo da agricultura de subsistência e da criação de gado.

O excedente de mão-de-obra atraída pela mineração e o preço vantajoso do algodão no mercado internacional, devido à substituição da lã pelo algodão nos tecidos populares, fizeram com que fosse introduzida, ainda no século XVIII, esta lavoura na região de Jacobina. (CARDOSO, 1993, p. 20-21).

Este fato modificou a economia e fortaleceu a agricultura na região, com o fim do ciclo do ouro, e com a descoberta de novos metais preciosos na Chapada Diamantina, essas mudanças contribuíram com a evasão de parte do povoamento de Jacobina, pois os aventureiros se descolaram para outras partes da Chapada Diamantina em busca de outros metais, que foi também, por muito tempo, destaque na exportação internacional, uma vez que, mais da metade dos metais extraídos no Brasil eram exportados para a Europa.

Essa transição na economia impulsionou Jacobina a buscar sua autonomia político administrativa, visando a sua emancipação, onde passou da condição de vila para cidade, recebendo o nome de Agrícola Cidade de Santo Antônio de Jacobina em 28 de julho de 1880, através da Lei Provincial nº 2.049. Lemos (1995, p. 36).

A partir da emancipação de Jacobina aumentou a expansão do espaço urbano da cidade, com a criação de novos bairros, alguns localizados próximo do atual centro comercial da e outros mais distantes. De acordo com Lemos (1995, p.110) “Jacobina passa a ter “vários” bairros, o primeiro a ter muitas casas é o bairro da Serrinha, em 1978, em Jacobina foi implantada casas populares pelo Banco Nacional de Habitação – BNH, condomínios e loteamentos”.

O mercado imobiliário traçar a rota do perímetro urbano promovendo o desenvolvimento da cidade onde o crescimento se dar com a edificação de condomínios residências e loteamentos fechados e o setor imobiliário ainda fornece um tipo de ocupação do solo urbano privatizado com conforto e prioridade para seus moradores. Os indivíduos que habitam nesses locais geralmente possuem um poder aquisitivo maior.

Esses novos modos de habitar apresentados pelos agentes imobiliários vêm, ao longo das últimas décadas, acarretando inúmeras modificações estruturais, possibilitando, por exemplo, aos condôminos uma quase separação da cidade tradicional, onde a presença de equipamentos como áreas de lazer, clubes, bares, restaurantes, shoppings e escolas já se fazem presentes acelerando ainda mais a segregação sócio-espacial. (MOTA, 2014, p. 06,).

As novas formas de moradias têm atraído pessoas que buscam habitar em áreas mais distantes do centro urbano e que ofereçam conforto, segurança dentre outros benefícios. Essas formas de segregação sócio-espacial fazem com que exista delimitações nas áreas

urbanas, assim, é possível perceber através da paisagem o uso do espaço. A construção dos loteamentos, condomínios fechados e conjuntos habitacionais vão requerer, entre tantos fatores importantes, o mais imprescindível: o espaço; já que este é a base de sustentação daqueles que manipulam os preços dessas mercadorias. “Como toda e qualquer atividade econômica, a produção de moradias necessita de um espaço para realizar-se, cujo uso, entretanto, é monopolizado pela instituição da propriedade privada” Ribeiro (1997:81), apud. Mota, (2014, p. 08).

Desta forma, o uso do solo passa a ter valores a depender de sua localidade, assim percebe-se que vantagens e desvantagens podem influenciar quando as grandes empresas imobiliárias têm interesse. Esse jogo de interesses financeiros é nítido, principalmente nas áreas urbanas.

Em função disso, pode-se dizer que a terra urbana assume a condição de “terra mercadoria”, apresentando um valor de uso, dado pela sua condição de elemento vital, não reprodutível e indispensável à atividade humana, além de um valor de troca, pois diante da demanda e da possibilidade iminente de acumulação de riqueza que a mesma representa a quem tenha sua posse, assume um preço. (NASCIMENTO e MATIAS, 2011, p, 68, apud HARVEY, 1980)

O espaço urbano passou a ser comercializado, se transformou em mercadoria pelo indivíduo, seja por meio de empresas privadas, ou para atender as necessidades, compra-se parte da terra para construir suas habitações ou para ampliar seus negócios. Esse processo contribuiu na produção do espaço da cidade de Jacobina, a qual formou atualmente em uma “disputa” de terras pelas empresas imobiliárias que vislumbram a cidade como um bom local para seus empreendimentos.

Todo o tipo de ocupação do solo urbano que aconteceu na cidade de Jacobina contribuiu para sua construção e transformação. Vale ressaltar que no processo de formação da cidade, as serras também foram ocupadas principalmente por pessoas de classe econômica menos favorecida.

O tecido de ocupação serrana tradicional promovido pelas populações de baixa renda, a partir do início do século, é um produto do crescimento espontâneo das áreas urbanas na direção das encostas em sucessivos acréscimos de novas trilhas e ruas, em princípio, seguindo as curvas de nível e articulados por alguns acessos verticais, até onde a natureza e as escarpas íngremes permitem. (PDDU 1999, p.50).

Tanto a parte plana da cidade como o sopé das serras foram sendo ocupadas, seja por indivíduo de baixo poder aquisitivo ou por loteamentos privados, por isso que atualmente presenciamos as serras tomadas por casas até o seu topo. Neste processo, não foi

delimitado as partes íngremes, nem se preocupou com o meio ambiente e os danos que essas construções poderiam causar ao longo dos anos. Tais edificações contribuíram para a modificação da estrutura da cidade, atribuindo-lhe diferentes formatos ao longo do tempo. Sobre essa característica que tomou a cidade Lemos (1995), explica:

Casas são construídas no sopé das Serras como está acontecendo nas Serras da Conceição, Santo Antônio e Cruzeiro, abalando as suas estruturas, podendo mesmo a virem causar prejuízo os futuros, além destas serras perderem as suas belezas naturais. Os morros próximos, cobrem-se de casas. (LEMOS, 1995, p.110).

No perímetro urbano as serras que estão localizadas próximo ao centro comercial encontram-se quase todas ocupadas, com casas residenciais e comerciais. A configuração do espaço urbano de Jacobina se consolidou através da mineração, nas margens dos rios, no sopé das serras e em ocupação do solo em áreas planas, na medida em que as ocupações eram efetuadas ocorria a concentração de pessoas, promovendo assim a construção de áreas habitacionais em locais até então impróprios para moradias. O progresso que aconteceu na cidade, embora tenha sido lento, provocou muitas mudanças tanto no espaço urbano como na vida de quem aqui reside.

A população jacobinense é heterogênea e está crescendo. Segundo dados do último censo (2010) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística– IBGE, Jacobina tem uma população estimada em 83.635 mil habitantes. A medida que o fluxo de pessoas aumentou ocorre uma expansão urbana, principalmente em locais mais distante do centro comercial, já que este “não tem” mais lugar disponível para construção, pois sua área encontra-se quase toda ocupada.

Várias intervenções são realizadas em Jacobina transformando seu cenário, a cada dia se encontra mais urbanizada devido as obras que são concretizadas constantemente, no próximo tópico será apresentada a Praça da Feira e a Avenida Raimundo Xavier de Menezes, lócus da pesquisa.

3.2 As mudanças no contexto da Praça da Atua Feira Livre de Jacobina

Este tópico apresentará o espaço atual da Praça da Feira Livre de Jacobina, que passou por algumas intervenções, pois, no passado sediava uma Estação de trem, e hoje abriga o Centro de Abastecimento da cidade. Todas essas transformações aconteceram no mesmo espaço. A atual praça da feira livre de Jacobina, está localizada no bairro da Estação.

A partir da revolução industrial as cidades buscaram expandir seus negócios no mundo exterior, e esta ampliação foi possível através das ferrovias que se destacaram como o mais importante meio de transporte inter-regional que existia na época e que conectava ao interior, como forma de interiorização e escoamento da produção e a chegada da linha férrea com a inauguração da Estação Ferroviária em 1919, significava um grande progresso para Jacobina, tornou a cidade um importante centro de convergência regional.

A implantação da ferrovia, da ponte e das rodovias serviram como via comercial, e possibilitou na expansão e na fixação das populações que foram erguidas ao redor desses elementos, todos esses acontecimentos foram sendo imposto aos poucos e dando um ar de urbano a cidade. [...]. O núcleo urbano sede era o centro de convergência, primeiro dos caminhos das boiadas e das estradas que as ligavam aos diversos pontos de mineração na região, depois veio a ferrovia de integração dos grandes centros e por último as rodovias, que formaram uma rede viária ligando os diversos núcleos urbanos do Piemonte à Jacobina e esta aos centros regionais do estado. (PDDU 1999, p.24).

A ferrovia foi um marco importante na cidade, possibilitando diversas transformações nesse espaço. Em seguida, outros empreendimentos foram construídos o que colaborou com o processo de desenvolvimento principalmente desse bairro, que foi implantado nesse local e recebeu o nome de Estação, devido a Estação de trem que outrora existia. De acordo com o destino da Estação para essa área, entende-se que este bairro passou a ter grande movimentação, tanto de pessoas como de mercadorias que chegavam e saíam constantemente.

As praças podem ser acentuadas como lugares públicos, abertos, elas são ou foram locais onde as pessoas se reuniam no final da tarde para discutir questões sociais, políticas ou religiosas, ou simplesmente para relatar os acontecimentos diários, servindo também de encontros no final de semana para contemplar festas públicas. Como advento do mundo e da vida moderna, algumas praças foram adaptadas com equipamentos de ginástica para a prática de atividades físicas, desse modo, sofreram transformações tanto em sua forma como em sua função.

A Praça em discussão, está situada no bairro da Estação, onde atualmente é o centro comercial de abastecimento alimentar da cidade de Jacobina, por isso ela está classificada como uma praça de mercado. Esta classificação, tem base nos estudos de Kostof (1992) apud Pinto (2003, p. 27): “a praça do mercado é uma praça aberta onde as pessoas se reuniram para trocar, vender e comprar mercadorias, além de oferecer serviços diversos. Foram desde o século XVIII, sendo substituídas pelos mercados cobertos”. Desta maneira, a Praça da Feira Livre tem a finalidade de comercializar inúmeros tipos de produtos. Nessa área possui barracas de frutas, verduras, roupas, lanches, e a feira do “rolo” que vende objeto usados. Contém ainda nessas divisões banheiros públicos para uso de toda a população. Em frente a referida praça existem lojas de móveis, supermercados, bares, restaurante, farmácia, açougue, e destaca-se também a BR 324, que tem a função de via de acesso a outros municípios, mas que para a praça tem um valor estratégico já que é local de descarga de mercadorias semanalmente.

O Centro de Abastecimento, situado, no Centro Novo, à rua J. J. Seabra, abrange o mercado e a feira semanal, tradição baiana que mantém viva a integração urbano-rural do interior do Estado. O Centro extrapola o atendimento local e municipal, estendendo-se à outras regiões, constituindo-se numa forte âncora para o comércio local. [...]. a dinâmica e a importância para a estrutura comercial de Jacobina do complexo do Centro de Abastecimento, localizado estrategicamente no centro urbano da Cidade. (PDDU 1999, p.114).

A praça da feira de Jacobina é uma integração de comércio, fazendo com que Jacobina se destaque com uma feira de diversidade de produtos onde as pessoas se deslocam dos distritos ou de cidades vizinhas para comprar ou vender mercadorias. Neste contexto, a praça é um espaço que abrange várias funções, pois durante a semana, especificamente a partir de quarta-feira funciona a seara onde são comercializadas verduras e frutas no atacado, e os comerciantes de cidades como Juazeiro e Irecê, comercializam seus produtos. Já na sexta-feira funciona o barracão onde vende roupas (barracão recebe esse nome por que é formado por várias barracas juntas), e no sábado é ‘o dia da feira da cidade’, onde todas essas atividades são desenvolvidas juntas e nos demais dias da semana funciona como comércio regular.

O chamado Anexo II ou ponto do Agricultor desenvolve-se em frente ao centro, no largo da Antiga Estação, constituindo-se na verdade, uma extensão da feira. Dispõe de um galpão coberto sem bancadas fixas, reservado à frutas e verduras. A seu lado se instala a feira de rua com barracas improvisadas, que comercializam vários produtos. O Anexo II é utilizado também como ponto de venda por atacado, cujos produtos são

vendidos nos próprios caminhões que os transportaram ou empilhados no calçamento. (PDDU 1999, p. 63).

Vale ressaltar que nos primeiros anos da cidade de Jacobina, a feira livre era realizada na praça Rio Branco com extensão ao Mercado Municipal.

3.3 O processo na construção da Avenida Raimundo Xavier Menezes

Nesse tópico será apresentado o espaço da Avenida Raimundo Xavier Menezes, que a partir de sua construção está modificando-a, fornecendo um novo sentido em sua paisagem. Com a extensão da malha urbana na cidade de Jacobina, tem-se a necessidade de abrir novas vias para facilitar a locomoção de veículos e diminuir a distância entre os bairros, um percurso que dá acesso aos bairros mais distante ao centro comercial na cidade. Conforme a Lei nº 6.766 de 19 de dezembro de 1979, no capítulo I no Art. 2º do inciso § 1º Considera-se loteamento a subdivisão de gleba em lotes destinados a edificação, com abertura de novas vias de circulação, de logradouros públicos ou prolongamento, modificação ou ampliação das vias existentes. Destaca-se a importância da abertura dessas vias urbanas. (ESTATUTO DA CIDADE, 2008, p.43).

A importância de construir loteamentos, ruas, praças e avenidas, são com o intuito de agregar novas áreas aos bairros e principalmente de facilitar os deslocamentos intra-municipais.

[...] as novas ruas e avenidas surgem para atender às novas demandas sociais, remodelando o centro e a periferia, principalmente, das cidades médias e metropolitanas do Brasil. Essa dinâmica é acentuada pelo mercado imobiliário que vai definindo os caminhos que esse crescimento urbano deve tomar. “Em suma, é o processo de reprodução do capital que vai indicar os modos de ocupação do espaço pela sociedade, baseados nos mecanismos de apropriação privada” (MOTA, 2014 apud CARLOS, 2008, 89).

Por esse motivo a Avenida Raimundo Xavier Menezes foi construída, fazendo interligação entre os bairros Caeira e Nazaré, servindo também como um contorno entre estes bairros e o centro comercial. No sentido Caeira foi realizada um aterramento de parte do Rio da Catuaba, para que a avenida fosse erguida. Já no sentido Nazaré, a avenida está situada frente a um posto de gasolina, além disso com a sua implantação outros pontos comerciais foram instaladas ao longo do seu percurso.

A construção desta Avenida foi iniciada a partir da aprovação de um projeto municipal, do então prefeito Leopoldo Passos, no ano de 1998 que visava construir uma ponte, e teve

sua licitação aprovada pelo Governo do Estado. De acordo com o jornal *O Encarte* do ano 2000, que destacou a manchete intitulada: “Governo autoriza construção de ponte em futura avenida no bairro da Caeira”, aprovada para iniciação das obras da Avenida Raimundo Xavier Menezes, que datam de cinco de agosto de 2000 pelo então Governador do Estado César Borges. (JORNAL: O ENCARTE, 2000)

Vale ressaltar que segundo documentos consultados em pesquisas realizadas junto aos acervos públicos de Jacobina bem como de outros jornais locais consultados, não foi encontrado registros de inauguração a Avenida Raimundo Xavier Menezes.

De acordo com a Lei Nº1.309 de 10 setembro de 2014, o Poder Legislativo de Jacobina altera o nome da Avenida Governador Paulo Souto para Raimundo Xavier Menezes. A alteração se deu porque o ex-governador Paulo Solto ainda está vivo, e de acordo com a Lei Federal Nº 6.454 de 24 de outubro de 1977, não é permitido nomeação de logradouro, obras, serviços e monumentos públicos de pessoas vivas, por isso a necessidade de substituição dessa nomenclatura para o logradouro. Raimundo Xavier Menezes foi um comerciante de retifica de motores de automóveis e vendia peças em Jacobina, por isso passou a ser bem conhecido pelo serviço que prestava, além disso, nesse período sua loja era única na cidade. As atividades desenvolvidas nessa avenida são de padrão comercial como alimentícios, agrícolas, mecânicos, construção, entre outros.

A escolha desses locais para a realização dessa pesquisa é por entender que eles sofreram transformações e reconfigurou o espaço urbano na cidade de Jacobina, passaram a ser importante com as modificações lhe atribuídas, além de ser dois locais diversificado que atende a um público heterogêneo, pois a praça da feira foi transformada após a desativação da linha ferroviária, e a avenida foi construída para fornecer aos moradores maior acessibilidade ao centro e aos bairros Caeira e Nazaré.

4. ANÁLISE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS

Este capítulo apresenta subsídios e descreve procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da pesquisa documental, fazendo uma análise comparativa de imagens fotográficas da evolução do espaço, a formas e função dos locais, *lôcus* da pesquisa, e dos novos significados construídos com as modificações do espaço.

4.1 Metodologia

Essa Pesquisa classifica-se como qualitativa, por compreender que, trata-se de um contexto social, o qual não pode ser considerado algo limitado e que depende de muitas variáveis para acontecer, principalmente por se tratar da sociedade que está em constante alterações.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 21 e 22)

Diante disso utilizou-se como ferramenta investigativa documental, assim, buscou-se documentos no arquivo público municipal, acervo no Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade- (NECC/UNEB), acervo particular e pessoal, jornais, documentos da Câmara de Vereadores, e o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Jacobina – (PDDU). Todas essas fontes foram fundamentais para realização desta pesquisa. De acordo com Marconi:

A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos [...] utilizando essas três variáveis – fontes escritas ou não; fontes primárias ou secundárias; contemporânea ou retrospectivas [...] É evidente que os dados secundários, obtidos de livros, revistas, jornais, publicações avulsas e teses, cuja a autoria é conhecida, não se confundem com documentos, isto é, dados de fontes primárias. Existem registros porém, em que a característica “primária” ou “secundária” não é tão evidente, o mesmo ocorrendo com algumas fontes não escritas. (MARCONI e LAKATOS 2002, p. 62-63)

Este trabalho apresenta uma análise sobre o passado, através de imagens recolhidas de documentos não escritos de antigos moradores, matérias de jornalísticas, coincidentes com o período das fotografias antigas, e fotografias atuais capturadas no decorrer da

pesquisa, relacionando estas fontes com a transformação de lugares específicos do espaço geográfico de Jacobina.

A utilização da fotografia como fonte de pesquisa data de períodos de guerras, onde eram colocados máquinas fotográficas em pássaros para fotografar os territórios inimigos. Atualmente a fotografia é considerada documento não escrito, e essa fonte de pesquisa vêm sendo cada vez mais utilizada em inúmeras formas de análise de pesquisa, por ser capaz de capturar cenas de diferentes ângulos, locais distintos e temporalidades, conforme descreve Oliveira 2007:

Apesar de ainda ser relativamente pequeno o número de historiadores que atualmente trabalham com arquivos fotográficos, a fotografia vem ocupando, a cada dia que passa, um espaço mais significativo na pesquisa histórica. Ela, que outrora era utilizada como um elemento meramente ilustrativo, vem ultimamente ganhando um *status* de fonte de primeira grandeza por diversos historiadores que a consideram como suporte iconográfico e iconológico, passível de comunicação extrínseca e intrínseca. (OLIVEIRA, 2007, p. 11)

Nesse sentido, faz-se necessário compreender a diferenciação de iconografia e fotografia: “**Fotografias** – têm a mesma finalidade de iconografia, porém refere-se a um passado menos distante”, Marconi e Lakatos (2002, p.70). A fotografia também vem sendo muito utilizada não somente para as pesquisas científicas acadêmicas, Mussoi (2008), menciona a importância das imagens como forma didática para aulas de história e geografia, podendo ter um campo muito abrangente para diversas temáticas associadas à essas disciplinas:

Podemos dizer que fotografia é o registro visual de um determinado espaço no momento histórico, do ponto de vista de um observador. Nas palavras de KOSSY (1999, p. 143), “ela não é, nem pretende ser um raio X dos objetos ou das personagens retratadas”, no entanto, pelas possibilidades que oferece para leitura do espaço, certamente é um bom indicativo dessa realidade. (MUSSOI, 2008, p. 06- 07).

A fotografia tem o poder de proporcionar e de conservar a memória de um lugar, de um povo, entre outras funções, mesmo que estes já tenham desaparecidos. Os registros fotográficos nos levam a lugares, acontecimentos e épocas distintas, e é considerada documento de informação relevante, portanto foi tida como fonte documental desta pesquisa para analisar o espaço urbano da cidade de Jacobina.

Como já mencionado, as fotos antigas foram extraídas nos Jornais, Arquivo Público, Arquivos pessoais, NECC, GOOGLE EARTH, e escolhidas para fazer uma comparação

com as imagens da atualidade. Já as fotografias atuais foram capturadas em 2018, numa máquina fotográfica modelo Samsung WB 100.

A seguir foi analisado as imagens dos *lôcus* da pesquisa. Essas escolhas foram feitas por entender que a Praça da Feira Livre e a Avenida Raimundo Xavier tiveram grandes alterações no recorte temporal que compreende este trabalho, de 1960 a 2018, impactando mudanças tanto nas suas formas quanto nas suas funções. Vale ressaltar que quando se menciona a Praça da Feira, não está se falando apenas desse local específico, abrangendo também os bairros próximos onde outrora funcionava a Estação Ferroviária Leste Brasileiro.

4.2 Transformações urbanas: fim da Estação e origem da Praça da Feira Livre

Este tópico traz, de maneira específica, as modificações na forma e função que existia no espaço que abarca atualmente a Praça da Feira Livre, o Ginásio de Esportes, a Associação Comercial e Industrial de Jacobina - ACIJA e a Universidade do Estado da Bahia- UNEB, espaço este que no passado foi instalado a Estação Ferroviária da Companhia Leste Brasileiro. É importante ressaltar que apesar deste trabalho dar destaque a Praça da Feira livre, esclarece aqui neste tópico, que, no passado a Estação não compreendia exatamente ao que atualmente comporta a Praça da Feira, ou seja, a Praça da Feira ocupa o que naquele período existia somente a linha ferroviária, a Estação o que atualmente é o Ginásio de Esportes, a UNEB e a ACIJA. Por isso o recorte deste objeto da pesquisa abrange cerca de três ou quatro bairros.

A cidade é um lugar de contos e recontos vivenciados e guardados por meio de fotografias. Ela está sempre no processo de metamorfose, onde monumentos são erguidos e com o tempo são demolidos ou transformados. Nas figuras 2 e 3, retiradas de documentos antigos, mostra o local onde funcionava a Estação de trem, essa construção significou grande progresso urbano, pois não se tinha uma urbanização nessa época, o que demonstra fortes traços rurais na cidade, as ruas não possuíam pavimentação, mas por meio dessa construção Jacobina passava a ser referência para outras localidades, mesmo com um desenvolvimento lento a cidade abrigava aqueles que por aqui passavam ou viessem para residir.

Figura 2 – Estação Ferroviária de Jacobina-BA em um dia de pouco movimento



Fonte: Arquivo do NEEC, Década de 1970.

Diferente da figura 2, na figura 3 a Estação está bem movimentada, o que demonstra que além de ser trem de cargas que servia para exportar e importar mercadorias, também tinha vagões de passageiros, conforme relata o Jornal *O Lيدador*, onde havia diferentes classes para os diferentes passageiros de acordo com o poder aquisitivo de cada um. Com a chegada do trem houve um aumento no fluxo de pessoas na área urbana da cidade, percebe-se a cultura que “predominava” na cidade, por meio dos trajes das pessoas, assim também é possível perceber um público masculino de maior destaque, vestidos de calças sapatos e paletó, alguns com chapéu. Dentre as poucas mulheres que aparecem na imagem, estão vestidas em saias longas, quanto as cores o que se percebe são no geral tons claros.

A função da ferrovia parte de locomoção dos indivíduos e de suas mercadorias, e ajudou no desenvolvimento econômico da cidade, por cerca de quatro décadas, principalmente no transporte dos produtos fabricados, cultivados ou extraídos no município de Jacobina. Durante esse período que marcou a presença do trem em Jacobina, é perceptível através dos relatos dos jornais da época, a ativa contribuição do trem para o crescimento da economia local.

Figura 3 – Estação Ferroviária de Jacobina-BA em dia de maior fluxo



Fonte: Jornal O Encarte, Edição especial de Aniversário da Cidade, 2003

A Estação Ferroviária atualmente não existe, mas guarda uma história para aqueles que fizeram parte e tiveram suas particularidades, ou lembranças desse local. Essas imagens mantiveram preservados para que pudéssemos hoje ter acesso e relatar um pouco da história da cidade. Apesar de todos os acontecimentos, esse espaço da Estação ficou marcado na memória da população jacobinense do passado, e sua modificação ocorreu para atender as necessidades de outros indivíduos que conhecem apenas a Estação através dessas imagens. Com base nos jornais analisados, a Ferrovia funcionou até os últimos anos da década de 70, ficando por mais de uma década com essa construção abandonada.

Na gestão do Prefeito Orlando Oliveira Pires (1955-1959), ele buscou integrar Jacobina a uma cidade em progresso e moderna. Pensando nisso promoveu algumas construções, dentre elas o Estádio Municipal Francisco Rocha Pires, que foi construído no ano de 1950, Silva (2015), e já simbolizava o “início do progresso”. A figura 4, foi retirada da digitalização dos arquivos do NECC, e mostra o Estádio e as linhas do trilho do trem. O Estádio foi umas das primeiras construções nas proximidades da Estação ferroviária, sendo este um sinônimo de modernização urbana. Relacionando esta fotografia com as duas acima, ressaltamos que trata-se da continuação da trilho saindo da Estação, nesse

momento percebe-se que mesmo estando na década de 50, ainda não havia pavimentação e em suas adjacentes ainda não havia comércios.

Figura 4 – Linha Ferroviária de Jacobina-BA



Fonte: Arquivos digitalizado do NECC, Década de 1960.

Figura 5 – Estádio Jose Rocha em dia de Feira Livre.



Fonte: Solange Matos, 10/11/2018

A figura 5, mostra a frente do Estádio no ano de 2018, um dia de Feira Livre, por isso a quantidade de barracas e o forte fluxo de pessoas impossibilitou uma foto que contemplasse uma maior parte da frente do Estádio. Porém percebe-se que este lugar se mantém com a mesma função esportiva e sua forma sofreu apenas alguns acréscimos como medida para atender a estrutura física do espaço. Observa-se que na calçada do Estádio há barracas espalhadas, e na Avenida Lomanto Júnior, como mostra a figura 5, há uma faixa de pedestre que tem a função de organizar o trânsito. Analisa-se que nessa fotografia a BR 324 está aberta para a passagem de veículos e pessoas, lembrando que durante um longo período a BR era fechada nos dias de Feira Livre, como pode-se perceber na figura 11. Em relação ao comércio nas proximidades do Estádio, as imagens a seguir dar mais visibilidade.

A figura 6 abrange bem o local analisado, observa-se toda a área onde se estabelecia a ferrovia e a Estação, que apesar de não aparecer na imagem, acredita-se que esteja à direita da fotografia.

Ressalta-se o valor de tal imagem, as casas e alguns comércios a esquerda, chama-se a atenção para um em específico, José Marcelino da Silva & Cia, onde há veículos na frente. Esse comércio se destaca no espaço, pois é um exemplo de que nem tudo no espaço se modifica. Esse comércio, em especial se mantém até os dias atuais com a forma quase igual e a sua função também quase intacta.

A palavra quase é utilizada por compreender que assim como a forma passou por alguns reparos em sua estrutura, com a evolução da comercialização este também agregou ao longo dos anos diferentes produtos, mas, que essas duas modificações tanta na forma quanto na função foram para atender as necessidades da sociedade em evolução, mas que ao mesmo tempo não perderam suas características iniciais.

Figura 6 – Calçamento e Pavimentação recém-inauguradas



Fonte: Arquivo do NECC, 1963

Figura 7 – Área da atual Praça da Bíblia e os atuais comércios



Fonte: Solange Matos, 30/10/2018

Na figura 7, podemos perceber a mesma área, porém com paisagem modificada. Essa fotografia capturada em 2018, demonstra a presença de construções como a UNEB, ACIJA e a Praça da Bíblia que está passando por algumas reformas, sob responsabilidade

do poder público municipal, e o comércio, já aludido anteriormente, que não perdeu suas formas e aderiu a outras da modernidade, a exemplo da fachada.

As duas últimas imagens acima, capturadas do mesmo ângulo, com a diferença de cinquenta e cinco anos, mostram modernidades diferentes, logo a específica para cada data. Na primeira contém uma legenda informativa sobre a inauguração dessa área calçada por paralelepípedos, pois, como já relatado anteriormente a Estação e toda a cidade ficava em um local sem pavimentação. Nesse sentido, essa é uma evolução urbana que foi datada pelos fotógrafos da cidade.

A figura a seguir retirada do jornal *Primeira Página* (2004) mostra a pavimentação da Avenida Reinaldo Jacobina Vieira, que se localiza na lateral da Praça da Feira. Tais obras trariam para a praça maior organização e higiene. Na fotografia 8, mais precisamente à direita da imagem está a Feira, à esquerda está a Rodoviária (que fica atualmente quase de frente desta Praça).

No jornal *Primeira Página*, encontrado no Arquivo Público de Jacobina, traz sérias críticas sobre a localização da Feira. Em primeiro lugar por estar “[...] a beira de uma pista de trânsito intenso, um prolongamento da BR 324, o que pode dificultar o fluxo de veículos durante os dias de grandes movimentos”, e outro trazido pela reportagem era o tamanho do mercado do produtor que o citado jornal afirma estar com os dias contados, em razão do espaço pequeno para funcionar.

Figura 8 – Construção do Mercado do Produtor



Fonte: Jornal Primeira Página, 2004.
Adaptação: Solange Matos, 2018.

Figura 9 – BR 324



Fonte: Solange Matos, 10/11/2018

Na figura 8, num ângulo aproximado ao da figura 9, evidencia que essa via continua sendo de grande utilidade, não somente por ser uma Rodovia, mas por “cortar” a Feira livre, o que facilita a chegada e saída das mercadorias principalmente nos dias em que os caminhões trazem frutas e verduras para o Centro de Abastecimento.

No passado a Feira Livre de Jacobina era realizada nas imediações da Praça Rio Branco, Rua Caixeiro Viajante e Rua Getúlio Vargas. No ano de 1979 o então prefeito Flávio Mesquita Marques (1972-1982), por perceber grande desorganização por parte dos feirantes em não respeitar o dia escolhido para as vendas e passarem a vender em dias aleatórios e principalmente por questões de higiene causada por essas desordens, cogitou a ideia de transferir a Feira deste referido espaço.

Entretanto somente em 21 de setembro de 1981 foi realizada a inauguração do Centro de Abastecimento localizado à Rua José Rocha com a Avenida Lomanto Junior, bairro da Estação, porém, somente no ano seguinte houve a efetivação desta transferência da Feira Livre, que para muitos saiu do centro da cidade para a periferia, conforme revela Virgens (2008) em pesquisa realizada sobre a transferência de local da Feira Livre de Jacobina. Por essas questões, a transferência foi alvo de muitas críticas por parte dos jornais, da população e principalmente dos feirantes.

Em seu trabalho monográfico realizada em 2008 sobre a transferência da Feira livre de Jacobina, Sílvia Catarina A. das Virgens, descreve que o prefeito daquela época concedeu uma entrevista falando sobre os motivos dessa mudança.

Eu tinha solicitado ao Governo do Estado a construção de um hotel de alto nível, aqui na cidade, veio um técnico competente (...) Eu tinha escolhido um terreno que ficava situado junto ao DERBA, era um terreno abandonado, mas que era também do Estado (...) Dr. Alfredo o técnico achou pequeno o terreno, se não haveria outro para que o hotel ficasse bonito né ligado ao turismo (...) Bom esse terreno não sendo aproveitado para a construção do hotel, nos pensamos em colocar a feira lá e foi o que aconteceu” (VIRGENS, 2008, p.50)

Sendo assim esse terreno foi destinado a transferência da Feira, porque segundo o prefeito era um local aberto que possibilitava melhor acesso de várias partes da cidade, ou seja, era como se ela estivesse situada no “centro da cidade”, posteriormente inúmeros comércios foram sendo agregados para complementar as atividades econômicas na cidade, pois passava a ser um espaço que suportava um fluxo maior

O jornal a Primeira Página (2000) traz uma reportagem sobre o Mercado do Produtor. Essa reportagem destaca as atividades econômicas desenvolvidas e as cidades vizinhas que estão envolvidas para a realização desta feira, tanto vendedores quanto compradores da microrregião, gerando em torno de R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais), por semana, o que perfaz um valor significativo para a economia local.

A imagem da figura 10, apresenta um espaço amplo das laterais da Praça de Feira Livre demonstrando que a Feira não limita-se apenas a cobertura, mas todas as ruas entorno, assim como ficará evidente nas demais fotografias.

Figura 10– Feira Livre e Mercado do Produtor



Fonte: Jornal Primeira Página, 2000.
Adaptação: Solange Matos, 2018

Na figura 11, foto de Vinicius Lima (2016), mostra o espaço da Feira Livre de Jacobina, num dia de maior movimento, onde é possível visualizar que as barracas se estendem até a lateral do Ginásio. Deste modo, a foto exibe um ângulo de cima, capturando quase toda a área deste *lôcus* da pesquisa, não abrangendo apenas parte da UNEB e a ACIJA. Segundo integrantes do *Grupo Fotoclube Payaya*, essa fotografia foi capturada da Serra do Cruzeiro.

Figura 11– Feira Livre e suas Imediações



Fonte: Acervo Particular, Vinicius Lima; Fotoclube Payaya, 2016

Nas imagens das figuras 12 e 13, observa-se também que além de uma Praça de mercado, essa praça também adquiriu outras atribuições, a Rodovia BR 324, conforme explica Pinto (2003):

Uma praça de tráfego é essencialmente uma praça isolada no meio do cruzamento de ruas movimentadas. Na verdade, surgem com função única de ordenação da circulação dos veículos em um determinado local. Espaços que os cidadãos utilizam apenas para atravessar com certa segurança as grandes vias e avenidas abertas no tecido urbano da cidade. (PINTO, 2003, p,28).

Esta Praça tem duas funções: uma servir como local de comércio e a outra de tráfego. Embora os autores façam referência a uma Praça de tráfego isolada, faz-se premente esclarecer que a Praça *locus* desta pesquisa não pode ser considerada como isolada, pois, a mesma tanto tem um fluxo diário específico da BR como um fluxo de carros, motos, bicicletas e pessoas que transitam por esse perímetro com a intenção exclusiva da atividade econômica desenvolvida nessa Praça da Feira Livre.

Figura 12 – BR 324 e Praça da Feira



Fonte: Solange Matos, 10/11/2018

Figura 13– Praça da Feira Livre e Cesta do Povo



Fonte: Solange Matos, 10/11/2018

Nas imagens das figuras 12 e 13, capturadas no ano de 2018, percebe-se que diferente da figura 11 as barracas que ocupavam a BR 324 não estão mais sendo postas. Tal mudança ocorreu para evitar que inviabilizasse o próprio tráfego desta Rodovia Federal.

As imagens 14 e 15, apresentam a Praça da Feira Livre em sua maior culminância que é realizada no sábado, em que é possível encontrar maior variedade de produtos, sendo este também o dia em que moradores de distritos e povoados se deslocam para comercializar seus produtos, por isso o fluxo de carros de fretes, ônibus e vans, aumentam significativamente. Já nos demais dias da semana o número de barraqueiros e a comercialização são encontrados em menor escala.

Figura 14 – Cobertura da Praça da Feira



Fonte: Solange Matos, 10/11/2018

Figura 15 – Praça da Feira e Rua Reinaldo Jacobina Vieira



Fonte: Solange Matos, 10/11/2018

Continuando a discussão desse tópico de análise, o jornal “A Palavra”, no ANO I, de 15 de setembro de 1973, publicou duas notícias convenientes para essa pesquisa. Em primeiro lugar descreve o desejo de Gilberto Miranda, prefeito da época, em construir um Ginásio de Esportes nesta cidade, em segundo lugar o andamento da futura Faculdade de

Educação, que possivelmente teria como local de funcionamento o antigo prédio da Superintendência do Vale do São Francisco - SUVALE.

Percebe-se que o interesse de impulsionar o desenvolvimento nas áreas do esporte e da educação se deu por compreender que esta cidade estava em crescimento e que inúmeras cidades vizinhas eram suas dependentes, já que Jacobina é polo-regional. Outro fato curioso descrito no jornal é a procura para a construção e/ou ocupação de algum prédio, ou seja, neste ano ainda não havia sido definido o local para essas duas instituições.

Em meados da década 80, este mesmo jornal N° 931, p. 06 de 07 de fevereiro de 1987, escreveu sobre essas grandes transformações que aconteciam na cidade de Jacobina, na gestão do então prefeito Carlos Daltro (1983-1987). Muitos elogios foram feitos ao gestor pela população com relação aos “avanços” obtidos em seu governo. A população não se achava mais representada por ver a Ferrovia abandonada, há mais de uma década desativada, e isso não agradava os moradores.

Hoje, toda a comunidade jacobinense afirma que o atual prefeito de Jacobina teve muita razão ao retirar aquelas barracas prejudiciais a nossa cidade e quando construiu a Av. Caminho das Árvores sobre aquela estrada de ferro que passava no centro de Jacobina, bem como, por ter demolido dois prédios da RFFSA que não tinha nada de histórico e muito menos qualquer beleza arquitetônica, dando lugares ao monumental prédio da Faculdade e do Ginásio de Esportes que, certamente, trarão valiosíssimos benefícios educativos e culturais ao nosso povo que já vive a expectativa de convivência numa Cidade de grande progresso. (SIC) Jornal: A Palavra

Para o objetivo da presente pesquisa, essa reportagem tem grande valor, pois, relata um fato num dos momentos de maior transformação do local escolhido para investigação. Salienta-se ainda, o ponto de vista dos moradores, principalmente deste bairro, que não viam a Estação como uma recordação de inúmeros momentos vivenciados neste espaço e só poderiam pensar nos benefícios futuros das próximas ocupações, assim a Estação representava um retrocesso e não um progresso vivenciado pela cidade no momento. Era comum nesse período que as pessoas tivessem as ferrovias como retrocesso, afinal as rodovias vinham ganhando espaço em todo país, assim essa substituição dava destaque aos locais que recebiam a implantação das rodovias.

No interior do Estado, o maior impacto das transformações político-econômicas da “modernização conservadora” dos anos 60/70 foi o da ampliação do sistema rodoviário, o que permitiu que algumas cidades de porte médio se transformassem em centros de apoio comercial ao processo de industrialização do Centro-Sul, principalmente aquelas localizadas em entroncamentos de rodovias federais e estaduais, polarizando uma rede urbana

pouco densa e precariamente dotada de infraestrutura e serviços básico [...] (LÉDA, 2003, p. 12)

Na figura 16, mostra uma fotografia capturada da Avenida Caminho das Árvores, que no passado existia a linha de trem. Essa Avenida teve sua forma alterada ou substituída, porém continuou tendo a mesma função de modo ampliado, pois, não ficava restrita apenas a um tipo de transporte, passando a funcionar como via automotiva, ciclística e de pedestres.

Figura 16 – Avenida Caminho das Árvores



Fonte: Solange Matos, 10/11/2018

De acordo com o Jornal A Palavra (Nº 994, p. 08 de 12 de março de 1988), o Ginásio de Esportes Carlos Daltro, traz a realização dos últimos preparos para a inauguração que seria no dia do aniversário da cidade de Jacobina, dia 28 de julho onde completaria 108 anos. Este espaço é dedicado à prática de esportes como: futebol de salão, basquete, vôlei e hanf-boll, contando com estrutura para vestiário, dormitório e sanitários. Conforme a Lei Municipal Nº 355 de 22 de agosto de 1997, este espaço esportivo mudaria de nomeação e homenagearia um atleta, passando a receber o nome de Ginásio Municipal de Esportes Paulo Santos Gomes, como é possível ver na imagem da figura 17, tirada no decorrer dessa pesquisa. Apesar disso, não foram disponibilizados documentos oficiais para fazer a comprovação. Essa informação foi extraída de uma placa pregada na entrada do Ginásio.

Figura 17 – Ginásio Municipal de Esportes Paulo Santos Gomes



Fonte: Solange Matos, 10/11/2018

A atual UNEB, como mostra nas figuras 18, 19 e 20, também ganhou seu local de construção, como dito anteriormente, juntamente com o terreno do Ginásio, embora a Faculdade de professores já funcionava em outros locais. Tendo em vista a função formativa, educacional, com a Faculdade de Professores nota-se um movimento com fluxo de alunos e professores intermunicipais, quanto a sua forma foi totalmente modificada, uma vez que, no passado era um “pequeno galpão retangular” onde ficava a Estação, para uma estrutura maior com um espaço mais amplo, com diversas salas, banheiros, biblioteca, áreas de refeitório, auditório, estacionamento e escada que dá acesso ao primeiro andar.

Figura 18 – Faculdade de Formação de Professores



Fonte: Jornal Gazeta do Ouro, 1989
Adaptação: Solange Matos, 2018

Figura 19 – Universidade do Estado da Bahia- UNEB



Fonte: Solange Matos, 10/11/2018

Figura 20– Atual Entrada da UNEB



Fonte: Solange Matos, 10/11/2018

É pertinente ressaltar que a Faculdade de Jacobina teve outras instalações provisórias em um outro local, e segundo o Site da UNEB, existe uma diferença entre a Faculdade e a Universidade do Estado da Bahia.

A faculdade de Formação de Professores de Jacobina (FFPJ) foi criada pela Lei Estadual 3.825, de 19 de setembro de 1980, publicada no Diário Oficial do Estado de 23 de setembro de 1980. Nasceu como entidade autárquica, vinculada à Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia. [...] Quando de seu início, a FFPJ funcionou no Colégio Municipal de Jacobina, mudando-se, posteriormente, para o prédio da escola Paroquial de Jacobina, unidade de 1º grau da Rede Estadual de Ensino. Em março de 1991 passou a ocupar sede própria, construída em área de 1.258 m² (hum mil duzentos e cinquenta e oito metros quadrados), localizada na Avenida J. J. Seabra, nº 158, Bairro Estação, onde permanece até o dia de hoje. (SIC) (SITE DA UNEB, 2018)

Cerca de dois anos atrás a entrada da UNEB foi transferida para alguns metros à frente da anterior, sendo instalada mais próximo à esquina. Isso aconteceu por uma questão de logística, pois, a outra entrada ficava em uma parte baixa da rua, o que ocasionava alguns transtornos, sobretudo em períodos de fortes chuvas.

Outra instituição que ocupou o local onde seria a antiga Estação foi a Associação Comercial e Industrial de Jacobina (ACIJA), mostrada na figura 21, que segundo o site oficial da instituição, foi fundada dia 02 de dezembro de 1974 e concluída em 16 de abril

de 1993, tendo como mentor o DR. Armando Xavier de Oliveira, e o primeiro presidente o Sr. Arlindo Wanderley de Melo. A ACIJA é composta de três pavimentos com um total de doze salas para escritórios três salas para treinamento e um auditório com capacidade para 250 pessoas sentadas.

Figura 21- Associação Comercial e Industrial de Jacobina- ACIJA



Fonte: Solange Matos, 10/11/2018

Essas informações do site, versam como se encontra o estabelecimento atualmente, com isso observa-se que essa Associação, assim como as demais, acima citadas, continuam exercendo as mesmas funções desde suas inaugurações, e mantiveram suas formas, acrescentando apenas alguns reparos em suas estruturas físicas devido o desgaste causado pela ação do tempo.

4.3 A dinâmica da Avenida Raimundo Xavier Menezes e sua repercussão na cidade

A Avenida Raimundo Xavier Menezes passou por várias transformações desde sua construção, descrita no subtópico 2.3 deste trabalho, trata-se de uma área onde foram realizadas obras para esse empreendimento, a exemplo da ponte erguida entre os bairros Caeira Nazaré. Destaca-se a ampliação da ponte com a construção desta Avenida que, a princípio, era uma área não habitada, cortada pelo rio da Catuaba.

Todavia, este ponto interligado ao meio “natural” e questões de análise ambiental para as construções não será o foco desta pesquisa, por isso, cabe-se apenas lembrar onde está situado este segundo objeto/ local de estudo. Conforme o Novo Código Florestal Lei N° 12.651, de 25 maio de 2012, Art. 3°:

II - Área de Preservação Permanente - APP: área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas.

Assim, esta área que compreende a Avenida e mais especificamente as margens do rio deveriam ser preservadas, assim como no Art. 4° que: “Considera-se Área de Preservação Permanente, em zonas rurais ou urbanas, para os efeitos desta Lei: I - as faixas marginais de qualquer curso d’água natural, desde a borda da calha do leito regular, em largura mínima de [...]”. A Lei é clara, para cada nível de largura do rio existe um limite de suas margens. Nessa perspectiva, na figura 25, observa-se uma invasão das margens do rio o que provocou alteração da fauna e flora.

Segundo a PDDU, a área que abarca a Avenida Raimundo Xavier Menezes, está mencionada como uma reserva de um Parque Urbano, onde manteria sua configuração natural de vegetação e canal de drenagem por estar em uma dimensão de planície com períodos de alagamentos, sendo ainda uma possível área à disposição de setores públicos municipais.

Zona do Parque Urbano - Rio Catuaba (205,55 ha) - Esta zona, no coração do vetor Oeste de crescimento da Cidade, compreende a área situada entre a Avenida Centenário e a Avenida Nossa Senhora da Conceição, as áreas baixas, inundáveis em épocas de chuvas. Esta Zona deverá, por um lado, constituir o **pulmão verde** da Cidade através de sua arborização e transformação em **parque público**, como por outro lado, abrigar equipamentos urbanos institucionais de porte (centro administrativo municipal, complexo escolar de 2° grau, estádio, parque de exposições e equipamentos de lazer etc). (PDDU, 1999, p. 104)

Sendo assim, essa área não deveria receber habitações residenciais e comerciais privada, pois, relaciona-se a projetos de organização urbana, tendo em vista sua localização baixa, apropriada para escoamento já que trata-se do leito do Rio da Catuaba. Essas questões poderão ser tratadas em um trabalho mais detalhado voltado para a uma temática socioambiental que poderá levar em consideração possíveis impactos causados após a construção dessa Avenida.

Figura 23 – Fiesta Park Hotel em Construção



Fonte: Jornal O Encarte, 2003.
Adaptação: Solange Matos, 2018.

A figura 24 contempla a paisagem da ponte que foi construída sobre o rio da Catuaba, ponte essa que desde o início tinha como objetivo diminuir a distância. Atualmente a avenida tem contribuído não somente para a locomoção dos moradores entre bairros, mas de toda a cidade, e para o tráfego de veículos automotivos em geral.

Figura 24- Ponte que dá acesso dos bairros da Caeira e Nazaré



Fonte: Solange Matos, 06/11/2018

A figura 25, exibe o ângulo na Avenida Raimundo Xavier Menezes, sentido bairro da Caeira, esse recorte da ênfase a um aterramento que está acontecendo às margens do Rio da Catuaba. Devido ao crescimento de comércio nesse local, esse aterramento está invadindo o rio da Catuaba, o que provavelmente pode causar danos aos moradores, pois, torna-se um local ameaçador em períodos de chuva torrenciais, podendo ocorrer alagamentos na área.

Figura 25- Aterramento de um terreno baldio as margens do rio da Catuaba



Fonte: Solange Matos, 06/11/2018.

Adaptação: Solange Matos, 2018

A figura 26, mostra o encontro da Avenida Raimundo Xavier Menezes com a Avenida Presidente Castelo Branco. Ambas avenidas possuem intenso fluxo de veículos, especialmente durante o dia, e interligam o centro aos demais bairros distantes. Esse fluxo espalhado na cidade possibilita a distribuição de veículos para toda a cidade, favorecendo a redução de engarrafamento no centro.

Esta configuração modificou a paisagem no espaço urbano da cidade especialmente entre os bairros envolvidos nesse trecho.

Figura 26- Avenida Presidente Castelo Branco, bairro da Caeira



Fonte: Solange Matos, 06/11/2018

Nas figuras 27 e 28, observa-se a presença de comércios diversificados: madeireiras e materiais de construção, peças automobilísticas, alimentícios em atacado, agrícolas, dentre outros. É possível visualizar que estes comércios estão estrategicamente estabelecidos em locais de grandes terrenos. Sendo assim, entende-se que por se tratar de comércios de porte maior não seriam comportados no centro da cidade. Trata-se de comércio de meio e grande porte dentro de uma escala municipal, por isso a necessidade de instalações maiores. Chama-se atenção para essa questão, pois, é uma realidade encontrada nessa Avenida, principalmente se analisarmos em relação ao centro da cidade, onde os comércios são relativamente estreitos e vinculam-se a lojas de menor porte. No caso de estabelecimentos como supermercados, estão distribuídos por toda a cidade e seguem lógicas diferentes, como por exemplo a de atender a demanda por bairros, e os maiores, são instalados em locais também estratégicos e de fácil acesso.

Figura 27- Comércio na Avenida Raimundo Xavier de Menezes



Fonte: Solange Matos, 06/11/2018

Figura- 28- Presença de comércio de variadas espécies nessa área



Fonte: Solange Matos, 06/11/2018

Dentro da mesma ótica, de novas instalações distantes do centro da cidade, Correa (1989), enfatiza sobre esses novos locais, como sub-centros, ou seja, áreas afastadas que se desenvolvem pelo fato de o centro não comportar comércios recém instalados na cidade ou aqueles que demandam de um espaço maior.

A implantação dessa via e a circulação de carros e pedestres que foram se solidificando ao longo dos anos, contribuiu para o surgimento dessas ruas, na imagem abaixo nota-se a direita (onde aparece a seta), figura 29, essa e outras ruas que surgiram do outro lado da Avenida, que hoje são fundamentais para organização as margens dessa via. Tendo em vista um fortalecimento da concentração afastada do centro da cidade, pois além dos inúmeros comércios, observa a presença de residências principalmente nas ruas “novas”, fazendo com que na avenida prevaleça os comércios.

Figura- 29- Ruas paralelas à Avenida Raimundo Xavier



Fonte: Solange Matos, 06/11/2018

Adaptação: Solange Matos 2018

Na figura 30 mostra a entrada da Avenida Raimundo Xavier Menezes, bairro Nazaré, sentido Avenida Presidente Castelo Branco, bairro Caeira, à direita da fotografia está localizada o Posto de Gasolina Motinha, situado na esquina das duas avenidas, porém seu acesso é pela BR 324/ Avenida Centenário. Cujo posto recebe um fluxo intenso de caminhões diariamente de todos os lugares do Brasil. Apesar de não aparecer, à esquerda da foto está localizado o Hotel Fiesta.

Figura-30- Rodovia 324 e entrada da Avenida Raimundo Xavier de Menezes



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018

Mediante construção dessa Avenida, percebeu-se uma modificação na configuração do espaço urbano na cidade, a qual teve a inclusão em suas rotas, agregação de comércios variados em suas margens e surgimento de demais ruas, o que origina uma dinâmica própria desse recorte do espaço urbano de Jacobina.

Por falta de materiais sobre essa Avenida, o levantamento de informações foi inviabilizado em outras fontes, alcançando apenas algumas notícias de jornais e documentos oficiais da Câmara Municipal de Vereadores de Jacobina para aprofundamento de outras questões, como construção e inauguração, e até mesmo outras informações do meio acadêmico. Por isso e comparado ao outro local de escolha, nota-se a relevância dos documentos não escritos. Diante disso, não foi possível comparação com fotos antigas, restringindo apenas as fotografias atuais e permitindo somente uma análise pessoal.

Apesar de não ser o foco dessa pesquisa, ao comparar os dois *lôcus* da pesquisa entre si, em uma análise geral do trabalho percebeu-se que, o termo modernidade que aparece inúmeras vezes nesta pesquisa, está relacionado com o progresso que a cidade foi agregado ao longo dos anos, porém, existe um diferencial entre os dois locais escolhidos.

Quando se compara os dois, evidencia-se que a Avenida Raimundo Xavier Menezes foi vista pela sociedade jacobinense principalmente como um facilitador, ou atalho dentro da cidade, não significando aspecto de modernidade. Diferente do outro *lócus* analisado, que todas as instalações naquela área foram vistas como evolução, cada uma em seu tempo, como é o exemplo da linha férrea que inicialmente significou grande modernidade para a população, porém com a desativação e a substituição por novas instalações foram vistas como conquistas de bastante valia para o espaço urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de construção dessa monografia, foram elucidadas inúmeras reflexões para o amadurecimento deste trabalho final, da vida intelectual e principalmente pessoal. No decorrer deste curso e mais precisamente na construção e período dessa pesquisa, algumas questões foram solidificadas e fizeram com que a interpretação de artefatos como fotografias passassem a ter um significado, não mais como imagens fotográficas guardadas para recordações, mas para nos fazer pensar além, como verdadeiros instrumentos didáticos para o ensino e aprendizagem das disciplinas de história como visto num material de dissertação que foi desenvolvido pelo professor Valter Oliveira, muito útil a essa pesquisa, como principalmente para a ciência geográfica.

Com o resultado desta pesquisa ficou evidente que a construção do espaço geográfico e as transformações dos lócus de pesquisa escolhidos foram e são fundamentais para a (re) organização do espaço urbano. Cada etapa no processo de análise das fotografias percebeu-se os principais influenciadores que provocam tais modificações, sendo todos para atender as demandas sociais de cada momento.

Sendo assim alcançou-se os objetivos dessa pesquisa em analisar, a construção do espaço geográfico e principalmente as transformações da Praça da Feira Livre e da Avenida Raimundo Xavier Menezes, na cidade de Jacobina-BA no espaço temporal entre 1960 e 2018. Atendeu-se os seguintes objetivos específicos: investigou-se as necessidades que levaram a reorganização da Praça da Feira Livre na década de 60 e 70; analisou-se a abertura e subsequente ocupação às margens da Avenida Raimundo Xavier Menezes por comércios de diferentes especificidades; e apontou-se como tais modificações foram e ainda são necessárias para a constante transformação do espaço urbano de Jacobina, tendo como foco esses dois locais da cidade.

Considerando a amplitude de utilidades nas explicações tanto nos inúmeros conceitos de Geografia, destacamos aqui: Espaço e Paisagem, que são excelentes conceitos para realização de fotografias e/ou análise de determinado período, como foi o intuito desta monografia com relação as atuais e por perceber a importância que esses documentos não escritos, capturados por moradores de Jacobina durante cerca de meio século foi útil para essas análises, vale repensar o trabalho desses materiais em ambientes escolares, até porque, aparenta-se ser uma maneira didática para a aplicação dos conceitos mencionados

acima. Nesta perspectiva, é pertinente refletir sobre o quão importante é observar e capturar os momentos que acontecem em movimento no espaço geográfico, inserindo isso na realidade dos alunos.

A ideia de pensar por meio da análise de fotografias, possibilita conhecer um pouco desse passado, sendo também a intento deste trabalho, além da análise comparativa, que esse material seja fonte para as gerações futuras conhecerem um pouco da história, de nossa terra de nossa gente e da geografia, pois esta ciência estuda o espaço e a relações entre os indivíduos, seja para construir ou reconstruir, fazendo isto, ele produz e reproduz o espaço, e que estes momentos possam ser capturados. Neste sentido, espera-se que este trabalho venha a contribuir de uma forma geral para que a história do espaço geográfico jacobinense fique sempre sendo recontado com direito a adição de óticas diferentes, considerando as fotografias como importante fonte documental.

Espera-se que essa pesquisa tenha um caráter não somente geográfico, mas social, já que além de mencionar a construção do meio social através dos indivíduos e grupos da sociedade, poderá também ser vista como acréscimo a história local e que seja levada em consideração os elementos socioculturais e econômicos para a construção desse espaço.

Os resultados alcançados nas análise das fotografias, fizeram-nos ampliar os olhares não somente para as áreas *lócus* da pesquisa, mas, para a dinâmica social como um todo, onde ficaram evidente outros elementos até então isolados a nossa ótica, fazendo com que estabelecesse uma conexão e entendimento maior do espaço geográfico.

O espaço como um todo é um verdadeiro palco de inúmeras histórias, e cada sujeito na sociedade se torna ator que intervém na construção, modificação e continuação desse espaço. Alguns com maiores poderes, outros menos, porém, independente de qual lugar da sociedade cada indivíduo esteja, ele é parte desse espaço. Essa pesquisa realizou na cidade de Jacobina um tipo de abordagem, mas são inúmeras as formas de explorar e classificar as partes desse todo.

REFERÊNCIAS

Acervo Arquivo Público Municipal de Jacobina- BA

Acervo Memória Fotográfica de Jacobina- Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade- NECC/ UNEB

Acervo Particular de Vinicius Lima. Fotoclube Payaya, 2016

ARAÚJO, J. A. (2011). **Geografia**: Curso de Aperfeiçoamento Para Professores das Séries Finais do Ensino Fundamental. 82. Salvador, BAHIA: Instituto Anísio Teixeira

BRASIL. AGACIEL, Maia da Silva; NASCIMENTO, Cláudia Lyra. Senado Federal. **ESTATUTO DA CIDADE**. Secretaria Especial de Editoração e Publicações Subsecretaria De Edições Técnicas. Edição do Senado Federal 3ª Edição. BRASÍLIA – DF, 2008.

CÂMARA MUNICIPAL DE JACOBINA.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Jacobina**: passado e futuro. Jacobina: Acija, 1993 148 p.

CARLOS, Ana Fani A. A cidade. 2. ed São Paulo: Contexto, 1994. 98 p. (Coleção repensando a geografia)

CONCEIÇÃO, Héli da Santos. Pedro Barbosa Leal e a colonização do sertão da Bahia no século XVIII. **XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento Histórico e social**. Natal- RN, 22 a 26 de julho de 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987. 93 p.

_____. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989. 94 p.

_____. **Trajetórias geográficas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001 302 p.

Disponível em: <<http://saema.com.br/files/Novo%20Codigo%20Florestal.pdf>> acesso em nov. 2018.

Jornal A gazeta do Ouro, de 1989.

Jornal A Palavra, de 1973 a 1993.

Jornal A Primeira Página, 2004.

Jornal O Encarte, de 2000 a 2003.

Jornal O Lidador, de 1933.

LEDA, Renato Leone Miranda. **CENÁRIOS DA BAHIA: ECONOMIA E TERRITÓRIO – Panorama Histórico e Evolução Recente**. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. [Texto extraído do capítulo III, parcialmente modificado, sem atualização dos dados].

LEMOS, Doracy Araújo. **Jacobina: sua história e sua gente**. Jacobina, BA: edição do autor, 1995 339 p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria Técnica de Pesquisa: **Planejamento e execução de pesquisa**. 5.ed, São Paulo. Atlas, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>> acesso em 11 out. 2018.

MOTA, Antonio Andrade. As ações do mercado imobiliário em cidades pequenas do recôncavo baiano: Agentes, estratégias e especificidades. **Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**. Vitória, ES, 2014. Disponível em: <http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1403749972_ARQUIVO_ArtigoparaCBG2014.pdf>. Acesso em 10 dez. 2017.

MUSSOI, Arno Bento. **A fotografia como recurso didático no ensino de Geografia**. Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção da certificação do Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná em convenio entre secretaria de Estado do Paraná e UNICENTRO. Guarapuava- PR. 2008.

NASCIMENTO, Ederson; MATIAS, Lindon Fonseca. Expansão urbana e desigualdade socioespacial: Uma análise da cidade de Ponta Grossa (PR). **RA'E GA - O Espaço Geográfico em Análise** (Curitiba), Departamento de Geografia – UFPR, n. 23, p. 65-97, 2011. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/24833>>. Acessado em 10 de maio de 2018.

NEVES, E. F.; MIGUEL, A. **CAMINHOS DO SERTÃO**, ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia. Salvador: Arcadia, 2007. 268p.

OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. **Revelando a cidade: Imagens da modernidade no olhar fotográfico de Osmar Micucci. (Jacobina 1955-1963)**. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFBA, Salvador-BA, 2007. (Dissertação de Mestrado).

PINTO, Renata Inês Burlachini Passos da Silva. **A praça na História da Cidade: O caso da Praça da Sé- Suas faces durante o século XX (1933/1999)**. Salvador, 2003. Universidade Federal da Bahia Arquitetura e Urbanismo (Dissertação de Mestrado).

Prefeitura municipal de Jacobina- BA. **Plano diretor de desenvolvimento urbano de Jacobina**. Jacobina-BA, 1999

REIS, Daniel Carneiro. **A expansão urbana e a segregação sócioespacial na dinâmica de periferização da cidade de Jacobina- BA entre (2010- 2016)**. Monografia apresentada a Universidade do Estado da Bahia, Jacobina- BA, 2017.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. 136 p. (Coleção Milton Santos; 10).

SILVA, Edson. A PRODUÇÃO DO LAZER NA URBE: A CONSTRUÇÃO DO ESTÁDIO MUNICIPAL FRANCISCO ROCHA PIRES (JACOBINA – BA – 1955-1959). **Revista Espacialidades** [online]. 2015, v. 8, n. 1/32, ISSN 1984-817X.

SILVA, J. A. (2010). *Direito Urbanístico Brasileiro* (6 ed.). São Paulo: Malheiros.

Site: Av. Paulo Souto Pode Mudar De Nome: Ministério Público Orienta Mudança Em Nomeclatura De Ruas, Logradouros E Prédios Públicos Em Jacobina. **Bahia Acontece**, Jacobina, Quarta-Feira, 16 de Julho de 2014. Disponível em: <http://abahiaacontece.blogspot.com/2014/07/av-paulo-souto-pode-mudar-de-nome_16.html> acesso em: out. 2018

Site: População. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas- IBGE**. 2018 Jacobina Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/jacobina/panorama>> acesso em: Fev. de 2018.

Site: **Google Earth**, 2018. Disponível em: < <https://earth.google.com/web/@-11.181275,-40.5275042,462.00004367a,1034.13031548d,35y,0h,45t,0r/data=ClgaVhJOCiQweDc2Y2YzZGI0OGVmYWVlNzoweGFjMTFkNGVjN2ZjMGM2YWUZMCqpE9BcJsAhVsDzQYVDRMAqFEF2LiBHb3YuIFBhdWxvIFNvdXRvGAIgASgCKAI>> acesso em: jun. 2018.

Site: Oficial da ACIJA. Disponível em: <<http://garciahost.wixsite.com/acija/copia-institucional>> acesso em: out. 2018.

Site: Oficial da UNEB. Disponível em: <<http://www.uneb.br/jacobina/dch/sobre/>> acesso em: nov. 2018.

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Evolução territorial e administrativa do Estado Bahia: um breve histórico. (Série estudos e pesquisas, 56). Salvador: 2001.

VIRGENS, Silvia Catarina Araújo das. **Feira livre de Jacobina: o processo de transferência (1977-1985)**. Jacobina: UNEB/DCH4, 2008. 68 f. Jacobina- BA